



Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina.

Distrito Federal.

FEIRAS POPULARES COMO PRÁTICA DA CULTURA SUSTENTÁVEL.

RELATOS DA FEIRA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA (SOLECO) NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CAMPUS PLANALTINA.

Fernanda Keller Campos Oliveira

Junho de 2019

Fernanda Keller Campos Oliveira

FEIRAS POPULARES COMO PRÁTICA DA CULTURA SUSTENTÁVEL.

RELATOS DA FEIRA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA (SOLECO) NA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CAMPUS PLANALTINA.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO COM REQUISITO PARA OBTENÇÃO DE
TÍTULO DE BACHAREL EM GESTÃO AMBIENTAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

ORIENTADORA: PROFA. DR. TÂNIA CRISTINA CRUZ

PLANALTINA-DF

2019

Fernanda Keller Campos Oliveira

FEIRAS POPULARES COMO PRÁTICA DA CULTURA SUSTENTÁVEL.

RELATOS DA FEIRA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA (SOLECO) NA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CAMPUS PLANALTINA.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO COM REQUISITO PARA OBTENÇÃO DE
TÍTULO DE BACHAREL EM GESTÃO AMBIENTAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA:

Dedico à
Minha Avó *Rosa Maria*,
Em agradecimento a sua presença
Neste momento tão especial.

Agradeço a Deus e a divina Mãe, por serem tão generosos comigo.

Agradeço a minha mãe *Ana Maria*, por além de me ter gerado a vida sempre apoiou os meus sonhos.

Agradeço aos meus avós *Francisco* e *Rosa* por toda a vida de muito trabalho, possibilitando hoje eu estar na Universidade Pública.

Agradeço ao meu pai pela colaboração financeira e aos meus irmãos *Rafaela* e *Juliano* pela paciência, as minhas cachorras; *Elisa*, *Cristal* e o *Buda* que ficaram aos meus pés durante este trabalho.

Agradeço por todos os queridos amigos que fiz durante a graduação, a presença de cada um de vocês me enriqueceu de maneira grandiosa e inesquecível.

Agradeço a todos os professores que tive durante a vida e que colaboraram com a minha formação intelectual, em especial a minha orientadora profa. *Tânia* e ao prof. *Neder* que acreditaram e me apoiaram a realizar a pesquisa.

Agradeço também a Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Pernambuco, que todos os cidadãos brasileiros possam vivenciar a universidade pública.

Agradeço ao CalangArte e a ao coletivo ALCA, que me possibilitaram a experimentação de tantos aprendizados.

Resumo: Este trabalho aborda o papel das feiras populares solidárias e ecológicas como mecanismos de atitudes da cultura sustentável, visto que muitos costumes da sociedade são baseados em condições, noções e atitudes mensuradas pelo capital, gerando alto grau de degradação ao planeta. As feiras populares são importantes instituições no contexto da formação econômica popular, mostrando-se como estratégia prática na transição rumo a sustentabilidade. Foram relatadas as 11 edições da feira SOLECO na Faculdade UnB Planaltina, sendo de caráter agroecológico, artesanal, cultural e solidário se mostrou mais que um simples canal de compra e venda, um agente de saúde e integração social propondo a ressignificação de paradigmas da cadeia de consumo.

Palavras chaves: Feiras Populares. Economia Solidária. Transição Cultural. Consumo Consciente.

Abstract: This paper deals with the role of solidarity and ecological popular fairs as mechanisms of attitudes of sustainable culture, since many customs of society are based on conditions, notions and attitudes measured by capital, generating a high degree of degradation to the planet. The popular fairs are important institutions in the context of popular economic formation, showing itself as a practical strategy in the transition towards sustainability. The eleven editions of the SOLECO fair at UnB Planaltina College were reported, being of an agroecological, artisanal, cultural and solidary character, it was more than a simple purchase and sale channel, a health and social integration agent proposing the re-signification of paradigms of the chain of consumption.

Keywords: Popular Fairs. Solidarity economy. Cultural Transition. Conscious Consumption.

Lista de Figuras, Gráficos e Tabelas

Figura 2.1 Características da Economia Solidária.	50
Figura: 2.2 Empreendimentos de Economia Solidária	53
Figura 3.1 Placas de Sinalização e primeiro banner do Calangarte para a feira SolEco.	60
Figura 3.2 Cortejo de Chamada para a Feira.	61
Figura 3.1.1 Mesa de produtos expostos pela Aprospira na 1ª feira.	64
Figura 3.1.2 Aldenora representante do santuário dos pajés expondo fitocosméticos.	66
Figura 3.1.3 Produtos expostos pela Feira Agroecológica do Lago Oeste.	67
Figura 3.1.4 Bazar e produtos expostos pelo Calangarte e oficina de Mandalas na 1ª feira.	69
Figura 3.1.5 Os dois expositores da 2ª SolEco	70
Figura 3.2.1 Arte de divulgação das 4º e 5º edição.	71
Figura 3.2.2 Novo local da realização da atividade.	73
Figura 3. 2.3 Oficina de Origami, na 3º Edição da SolEco.	73
3.2.4 Mesa de produtos exposto pelo estudante de Gestão Ambiental André e a oficina de isca de Abelha.	74
Figura 3.2.5 – Alguns artesanatos da 3ª, 4ª e 5ª Edição.	74
Figura 3.2.6 Local do Ecoponto e a mascote Reciclota.	75
Figura 3.2.7 Produtos Aprospira e cerveja artesanal Willcibeer.	77
Figura 3.2.8 Produtos expostos pelo Acampamento Roseli Nunes nas 3 edições.	77
Figura: 3.2.9 Brechó Vênus.	78
Figuras 3.2.10 Apresentações musicais e poéticas da feira Soleco.	79
Figura 3.2.11 Oficina de Incorporação de personagens Amazônicos.	81

Figura 3.2.12 Produtos expostos pelo acampamento Márcia Cordeiro Leite.	82
Figura 3.2.13 Reunião do projeto Calangarte com os expositores.	83
Figura 3.3.1 Artesanato da Rede EU QUE FAÇO.	86
Figura 3.3.2 Doação feita pela Gabriela e artesanatos exposto no chão.	87
Figura 3.3.3 Diversidades de Produtos Expostos pelo Roseli Nunes.	87
Figura 3.3.4 Palco repleto de músicos estudantes do campus FUP.	88
Figura 3.3.5 Oitava Edição da SolEco.	90
Figura: 3.4.1 Roda de Conversa sobre CSA e banca Rede Bartô.	92
Figura 3.4.2 Artesanatos e Cosméticos da 9ª da feira Soleco.	93
Figura 3.4.3 Produtos expostos na 10ª e 11ª edição da Feira Soleco.	96
Gráfico 3.1- Relação da periodicidade com o vínculo universitário.	102
Gráfico 3.2 – Relação entre Idade e Sexo dos Frequentadores.	103
Gráfico 3.3 – Variação de consumo em porcentagem pelos entrevistados.	104
Tabela 3.4 – Os motivos de participação da Feira SolEco.	106
Gráfico 3.5 – Costumes de consumo distribuídos por categorias.	107
Gráfico 3.6 – Descarte de Resíduos Relacionados com o Vínculo do Entrevistado.	108

Lista de Siglas

ALCA – Associação Livre Cultural Alternativa.

CALANGARTE – Ateliê de Artes Livres, Economia Solidária e Ondas Comunitárias.

CSA – Comunidades que Sustentam a Agricultura.

EPS – Economia Popular Solidária.

FUP – Faculdade UnB Planaltina.

ITCP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares.

LEDOC – Licenciatura em Educação do Campo.

MST – Movimento Rural dos Trabalhadores Sem Terra.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

SIEX – Sistema de Extensão.

SINJ- DF – Sistema Integrado de Normas Jurídicas do Distrito Federal.

SOLECO – Feira Solidária e Ecológica.

UNB – Universidade de Brasília.

Sumário

DIA DE FEIRA	11
1 A HISTÓRIA DO MODELO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO CAPITALISTA.....	19
1.2 POR QUE TRILHAR NOVOS CAMINHOS?.....	30
2 CULTURA SUSTENTÁVEL E OUTROS CAMINHOS DE DESENVOLVIMENTO	
ECONÔMICO.	34
2.1 ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA.	41
3 SOLECO - RELATOS DA FEIRA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA.	56
3.1 A INAUGURAÇÃO	62
3.2 3ª, 4ª E 5ª EDIÇÃO DA FEIRA SOLECO.	71
3.3 AS ÚLTIMAS DO ANO DE 2017.	83
3.4 COMEÇA O ANO NOVO.	90
3.5 QUESTIONÁRIOS AOS REALIZADORES.	96
3.6 QUESTIONÁRIOS AOS FREQUENTADORES.....	101
4 CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
APÊNDICE I.....	117

DIA DE FEIRA

A palavra feira vem do latim, “feria” significando “dia de festa” (BARSA, 1991 APUD MARCHIORI, 2004), é uma atividade presente na cultura brasileira e do mundo, podem ser realizadas em diferentes lugares e não lugares, sendo organizadas por um grupo social, formal ou informal.

Com a lógica do capital industrial impulsionando os grandes centros de consumo, as feiras foram substituídas pelos grandes shoppings e centros comerciais, remetendo ao afastamento temporal entre feiras e modernidade, entretanto é difícil distinguir até que ponto a cidade precisa da feira e a feira precisa da cidade.

Desde o desaparecimento do período feudal (há 400 anos), elas funcionam como alternativa para novas vias de comercialização, contemporaneamente devolvendo ao fluxo econômico, pequenos produtores, artesão e pessoas que vinham sendo excluída da lógica capitalista.

(SILVA 2006), a descreve como sendo centro de circulação cultural história, a feira vai além de um espaço de comercialização de produtos de origem rural. “Sua conjuntura apresenta diversidade dinâmica de relações, afetos, sentimentos, subjetividade e crenças, diversos em seus fatos, acontecimentos, forças, intervenções e também contradições”.

São sistemas de mercados regionais, sendo canal de abastecimento das cidades. Como relata a autora “há uma intensa mobilização de energias, de ideologia, de necessidades, de sonhos e também de desejos”. É um espaço de socialização do homem, local de trocas entre bens e serviços, sentimentos e saberes, ligado a diversidade cultural, representando um espaço de resistência.

Atualmente as feiras populares compõem o mercado informal, minimizando os custos sobre a venda e atendendo a demanda popular, muitas vezes é resultado da expressão popular, acontecendo nas ruas, praças e espaços públicos, produtores rurais, artesãos, cozinheiras e cidadãos, unem forças com músicos, poetas e artistas, fortalecendo-se mutuamente.

As feiras também se mostram mais capazes de proporcionar a obtenção de alimentos, frutas, verduras e legumes entre outros, mais frescos, além de aproximar o cliente (consumidor) do produtor, criando uma relação de confiança na sanidade e qualidade dos alimentos (ROCHA, 2011).

Facilitando a compra direta com os pequenos produtores, artesãos e cozinheiras, incentivando a agricultura familiar e a economia solidária, criando vínculos entre vendedores e consumidores, gerando um sentimento de bem-estar e integração entre membros da comunidade, fazendo parte dos costumes de rotina.

Nem todas as feiras são iguais, podendo abastecer distintas classes sociais, podemos encontrar feiras para públicos específicos, diferenciando-se pelo objetivo de compra, classe social, cunho ideológico e hábitos culturais. Nem todas possibilitam a compra direta com o produtor, sendo comum em feiras tradicionais os comerciantes serem apenas os donos do ponto comercial.

Neste trabalho vamos falar especificamente de feiras populares sustentáveis, onde o comércio é justo e solidário, garantindo o acesso a alimentos saudáveis agroecológicos e a produtos de origem artesanal. Não envolvendo somente o ato de compra e venda, encerrando com o pagamento e a aquisição de produtos, como também gerando a consciência do consumo.

As relações criadas manifestam em várias dimensões, representando uma efervescência social caracterizada por (DANTAS e PACHELLY, 2008) como “uma multiplicidade de eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade imprimindo um dinamismo diferente do habitual”.

A feira livre, lugar estruturador da cidade, de sua formação urbana e também aporte cultural, destaca-se pela importância, que assume na contemporaneidade, não apenas enquanto lócus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como territórios diversificados, de bens simbólicos, com práticas culturais plurais, indenitárias e memoriais (BARBOSA, 2013).

As feiras são democráticas, podendo comercializar variados produtos, de acordo com a lei federal nº 1.828 de 13 de janeiro de 1998 (SINJ-DF, 1998), na qual regula o funcionamento das feiras livres ou permanentes no Distrito Federal. A Feira Solidária e Ecológica (SolEco) localizada na Faculdade Unb Planaltina é de cunho livre de acordo com;

Art. 2º Considera-se feira livre a atividade mercantil de caráter cíclico, realizada em local público, realizada em local público previamente designado pela Administração Regional, com instalações provisórias e removíveis, que pode ocorrer em vias, logradouros públicos ou ainda em área pública coberta do tipo de pavilhão.

§ 1º A feira livre tem o fim de proporcionar o abastecimento suplementar de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, doces, laticínios, pescados, animais vivos considerados domésticos, flores, plantas ornamentais, produtos de artesanato, lanches, caldo de cana, temperos, confecções, tecidos, armarinhos, calçados e bolsas, bijuterias, artigos religiosos, ferramentas e utensílios domésticos.

Pequenos agricultores agroecológicos, encontram dificuldade de escoar seus alimentos, principalmente aos grandes centros de comercialização, sejam pelas dificuldades de transporte ou produção, exemplos são supermercados que trabalham com grandes quantidades no estoque e contratos burocráticos, a população que está habituada a comprar sempre dos mesmos fornecedores ou buscar pelos preços mais baixos.

As feiras populares são a forma mais simples de canal de distribuição, a feira SolEco teve como propósito eliminar a exploração estabelecida pela comercialização intermediada por atravessadores, abrindo caminhos para outras lógicas de atuação, de acordo com Silva (2006) a superação do atravessador, além de aproximar o cliente do produtor, gerando a confiança na qualidade dos alimentos, possibilita que os sujeitos sintam-se influenciando na direção de sua história, com dividendos econômicos e sociais importantes.

A SolEco foi uma pesquisa-ação extensionista do Ateliê de Artes Livres, Economia Solidária e Ondas Comunitárias, Projeto CalangArte+, vinculado às atividades regulares da Incubadora Tecnológica de Cooperativas (ITCP) pela Universidade de Brasília, na Faculdade UnB Planaltina- FUP

Planaltina é a maior região administrativa do Distrito Federal, possui 160 anos, sendo um dos maiores polos rurais do DF, a cidade é rica em tradição cultural ruralista, tendo

festejos de folias de reis, cavalgadas e cerimônias próprias. Localizada sobre o planalto central do Brasil, é berço de duas bacias hidrográficas, a do paraná e a do Tocantins, possui a reserva ambiental mais importante da América do Sul, a Estação Ecológica de  guas Emendadas.

No processo de expansão da Universidade de Brasília, inicialmente idealizado por (DARCY RIBEIRO, 1978 APUD FUP, 2018) “Nossa meta era, portanto, criar aquela universidade que, em lugar de apenas refletir o atraso cultural e a desigualdade social antecipasse, no que fosse possível, a sociedade avançada e solidária que havemos de ser amanhã”. Foi escolhida no ano de 2008, para sediar um novo campus, constituído quatro cursos de graduação; licenciatura em ciências naturais e educação do campo, bacharelado em gestão ambiental e gestão do agronegócio.

Os cursos atendem a 1150 estudantes de graduação. A missão do trabalho acadêmico da FUP, em síntese, envolve a formação em perspectiva emancipatória, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, o diálogo com a sociedade, o incentivo ao trabalho coletivo e a sustentabilidade. (FACULDADE UNB PLANALTINA, 2018).

A universidade é um campo experimental de novas práticas e trocas, tendo como objetivo oferecer novas respostas às perguntas existentes, para se acessar teoria e prática juntos   necessário observar a multidisciplinaridade da composição do homem em relação ao seu meio.

O conhecimento gerado precisa acessar a sociedade, ser instrumento da revolução popular, a quebra de paradigmas e ressignificação de conceitos sobre a temática deve acontecer não só na teoria, mas também colocados em prática. O caminho pedagógico da pesquisa, ensino e extensão precisam ser coerentes e contínuos, onde a comunidade se envolva e participe dos processos formativos, informais e dinâmicos da cultura da sustentabilidade.

O que se investiga numa sociedade é o que essa sociedade considera suficientemente importante. A importância de um problema nada tem a ver com a verdade de suas possíveis respostas; depende dos valores predominantes sendo, portanto, uma característica ideológica. Diferentes estilos sociais fixar o diferentes

prioridades – isto é, recursos – e farão a ciência progredir em direções diferentes (VARSAVSKY, 1974 APUD NEDER E MARQUES 2016).

Durante a realização deste trabalho, tive acesso a pesquisa de 2009 pelo projeto de extensão Esperança Verde na Faculdade UnB Planaltina: um campus universitário modelo em gestão ambiental, onde tinham como objetivo “estruturar articuladamente as condições culturais, administrativas e políticas para viabilizar o desenvolvimento de um sistema de gestão ambiental” (LAYRARGUES, ET AL. 2011).

Como o coordenador do projeto Philippe Layrargues menciona, “constituindo um caminho pedagógico para a vivência da sustentabilidade, onde o próprio campus fosse reconhecido pela comunidade acadêmica como um laboratório vivo de gestão ambiental no âmbito universitário”. O projeto realizou a pesquisa perguntando ao discentes da FUP, quais elementos concretos da sustentabilidade se constituem como aqueles que se acredita serem fundamentais constar em um campus universitário?

A criação de uma Feira de Produtos orgânicos foi eleita a décima nona posição dos elementos concretos fundamentais para alcançar a sustentabilidade do campus. No ano de 2017 foi criada a Feira SolEco, entretanto o corpo discente da universidade alterou-se, podendo assim relacionar as pesquisas de extensão, dando continuidade à ação, pois há seis anos, a feira foi considerada uma estratégia para alcançar a cultura sustentável dentro do campus, será atualmente seus frequentadores a enxergam com esta mesma finalidade.

(SILVA, 2006) relata que “no contexto da feira, está presente a sensibilização para aspectos ecológicos e ambientais, princípios de solidariedade, de respeito a vida, num processo em construção, com diferentes graus de participação”. Essas experiências se aglomeram, desenvolvendo a sua praxis, incluindo tanto a reflexão pessoal como a de grupo, exercendo-se como um produto organizativo.

A importância de uma feira que reconstrua a evolução das relações de trocas, abrindo novos canais de comercialização e geração de renda direcionados a conscientização dos produtos ofertados e consumidos, vai além da prática de consumo, sendo um ato ético, político e cultural.

“São locais importantes para o abastecimento de toda sorte de produtos, já que concentram espacialmente a atividade, além do que significavam momentos de trocas não materiais que abasteciam outras esferas da vida em sociedade” (PINTAUDI, 2006, pág. 2 APUD DANTAS E PACHELLY, 2008).

O artesanato, a agroecologia, o escambo e a conscientização sócio-política são um importante agente modificador do atual cenário brasileiro, uma alternativa para a valorização e conservação da cultura local, gerador de benefícios sociais, ambientais, econômicos e culturais.

As realizações da SolEco tinham como um dos objetivos envolver a comunidade presente no campus da FUP dentro do seu cotidiano, aos processos de sensibilização ambiental, criando um local de manifestação de conceitos transmitidos em sala de aula, observando a tendência natural de persistir os elementos constitutivos da herança cultural.

Entende-se como comunidade, o grupo social envolvido dentro do campus como os discentes, docentes, técnicos, terceirizados e visitantes, formado a base de contatos, em sua maioria diretos, tendo como aspecto nas relações: a identidade de interesses e a participação das mesmas responsabilidades sociais.

Pergunta-se neste trabalho: A Feira SolEco é um mecanismo de atitudes da cultura sustentável na Faculdade UnB Planaltina? Tendo como objetivo principal **identificar se a feira é uma estratégia para práticas em favor de um meio ambiente justo e equilibrado na Faculdade UnB Planaltina.**

Por objetivos específicos: a). Relatar a memória da mobilização e desenvolvimento da Feira. B). Conceituar a importância dessa prática de comércio diante da transição cultural sustentável. c) Quantificar o perfil dos “frequentadores” da atividade.

Nota-se que no termo frequentadores, inclui todos aqueles que estiveram presente nas práticas, incluindo no termo os integrantes da organização, os expositores, osicineiros, os artistas, os discentes, docentes, técnicos e terceirizados da FUP e os visitantes sem vínculo organizacional com a Faculdade.

É uma pesquisa social aplicada, de natureza teórico empírico, pois trata do estudo do comportamento humano a partir da interação entre os indivíduos. Os métodos de abordagem

da pesquisa é o modelo hipotético indutivo, onde o conhecimento é fundamentado no estudo de caso, através da observação do estudo etnográfico.

Segundo (GIL, 2008) “a etnometodologia consiste em analisar procedimentos de diferentes operações que se realizam a vida cotidiana, como comunica-se, tomar decisões e raciocinar”. Os métodos de procedimento do trabalho têm caráter exploratório, dando-se por revisão de referências bibliográficas e estudo de caso com atuação participativa, tendo o pesquisador como membro do grupo pesquisado, atentando-se assim para a relatividade observacional do pesquisador e o papel ativo na coleta de dados.

O trabalho também tem caráter explicativo, através do método observacional podemos identificar os fatores que contribuíram ou determinaram a ocorrência das onze edições da Feira Soleco, o estudo de campo aconteceu no campus Faculdade UnB Planaltina, localizado na cidade satélite de Planaltina, DF. No marco temporal de junho de 2017 a junho de 2018.

Os procedimentos de coletas de dados do caso para a análise e registro da observação, foram feitos através de diários de campo e registros fotográficos. Nas duas últimas edições foram utilizados questionários autoexplicativos com questões fechadas, portanto analisaremos dados quanti e qualitativos.

Assim, o conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência do conhecer. Ao viver, o ser humano tem experiências progressivas, da dor e do prazer, da fome e da saciedade, do quente e do frio, entre muitas outras. É o conhecimento que se dá pela vivência circunstancial e estrutural das propriedades necessárias a adaptação, interpretação e assimilação do meio interior e exterior do ser. (TARTUCE, 2006, p.5 APUD GERHARDT 2009).

Este trabalho está organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, por meio de referências bibliográficas, apontaremos o materialismo histórico das práxis, enfatizando a dimensão histórica dos processos sociais, através do modelo de produção capitalista industrial e sua relação com as superestruturas políticas, empresariais e ambientais. É considerado que na atual conjuntura sociopolítica, a maioria da sociedade brasileira desconhece fatores históricos que regem o momento presente.

No Segundo Capítulo, considerando o grau de degradação ambiental e social que os meios de crescimento econômico geram, por meio de revisão bibliográfica conceituaremos os

indicadores do que chamo de “práticas da cultura sustentável” através do consumo consciente e o poder de escolha, também abordaremos outros modelos de desenvolvimento econômico com o objetivo de conceituar a prática de comércio solidário e fraterno da Feira Soleco. Neste trabalho entende-se como cultura:

As linguagens, hábitos alimentares, abrigos, vestuário, utensílios e ferramentas ocupações e indústria artes (música, poesia e gravuras); mitologia, conhecimento científicos, tratamento de doenças, formas religiosas, métodos e formas de relação social, padrões de valor de troca e o comércio (Logo, 1977. Pág. 66).

No terceiro capítulo, relatarei a experiência das onze edições da Feira SolEco, ocorridas no campus UnB Planaltina, no propósito de registro e memória as atividades ocorridas, observando os processos das redes colaborativas que se formaram, também relatarei a percepção compartilhada entre os membros realizadores da proposta.

Ao fim foram respondidos nas duas últimas edições, 48 formulários, com questões objetivas sobre o perfil dos frequentadores, identificando sua relação com a feira SolEco, suas motivações de participação e suas práticas sustentáveis.

O último capítulo é destinado a conclusão dos resultados, a partir dos registros das edições ocorridas e os dados quantificados, observamos se as práticas da culturais dos frequentadores da feira, em um campus universitário, com cursos de natureza “ambiental”, trazem em sua bagagem cultural a reflexão em um ato político-ambiental ou se restringe na tentativa de abrir um novo canal comercial.

1 A HISTÓRIA DO MODELO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO CAPITALISTA.

“Viver sem conhecer o passado é andar no escuro”.

(Uma História de Amor e Fúria, 2013)

Este capítulo tem por objetivo identificar através de referências bibliográficas, fatos históricos dos processos de geração de riqueza do homem, através da acumulação e exploração de recursos naturais, para que possamos estudar e analisar as feiras populares agroecológicas e solidária, e identificar a importância que realização dessa prática traz para a sociedade, a academia, e o meio ambiente.

A história é o jeito mais fácil de se entender o presente, é pela falta dela que nos afastamos da nossa ancestralidade. Nem todas as partes da história estão disponíveis para serem contada, muitas não são ouvidas, outras são modificadas.

Entretanto se observamos e questionarmos as partes que nos são contados, é possível perceber que de uma maneira cíclica, os fatos que constituem a história ocidental sobrevivem à passagem do tempo e perpetuam através das gerações, porém o meio ambiente na qual está inserida e necessita para que possa acontecer, já não é, mas o mesmo, sofreu modificações drásticas.

Os hábitos, costumes, relatos e a maneira de relacionamento com a natureza e a comunidade do passado eram transmitidos de uma geração a outra, permitindo assim, às gerações mais jovens a acessar o conhecimento acumulado do passado. “A palavra história vem do grego antigo *Historien* que significa informa-se ou procurar saber”. (COSTA, 2010. Pág. 12).

Para compreender a esfera evolutiva do *Homo Sapiens* é preciso considerar fatores multidisciplinares e transdisciplinares da diversidade existente no planeta, ressignificando o conceito de progresso e evolução, entendendo assim que evolução não é crescimento ou desenvolvimento de só um aspecto terrestre, evoluir é uma experiência holística diária.

E o mais fascinante é que tanto faz onde começamos a pesquisar, na biologia, na termodinâmica, na astrofísica, na física nuclear, na química, ou nas religiões, sempre chegaremos a idêntico resultado e à mesmíssima conclusão: a Energia

Original. Porque tudo são ciclos interligados e cada fator constitui somente uma parte de um ciclo que, em seu conjunto, forma o inteiro, o cosmos (PRIMAVESI, 2016 pág.5).

A inter-relação de explicar história pela teoria econômica é melhor definida por (HUBERMAN, 1981) em sua obra *A Riqueza dos Povos*, “o ensino da história se ressentia quando pouca atenção se dispensa ao seu aspecto econômico, e a teoria econômica se torna monótona, quando divorciada de seu fundo histórico”.

Estima-se que a terra tenha cerca de 4,5 bilhões anos e que o processo de formação da vida teve origem nas alterações de elementos químicos e físicos a partir das moléculas primárias DNA e RNA. O homem sempre precisou de seus recursos para viver. A terra é sua casa, se o feto precisa de todo o aparato do útero de sua mãe, assim é a relação homem-natureza; ela nos dá condições de existir, comer, beber, respirar, entre outras tantas comodidades da vida moderna.

Ao longo da história o ser humano reinventou seu meio, superando suas necessidades e limitações físicas, químicas, biológicas e emocionais. Nós diferenciamos às outras formas de vida do planeta, por meio a expressão racional da criatividade artística, as manifestações como desenhos rupestres, representando os rituais da caça surgiram há 40 mil anos, a arte da escrita há 4 mil anos A.C.

No período Neolítico (12 mil até 6 mil anos atrás), começamos a nos organizar em sociedade complexas. Na Era dos metais (4 mil a 2 mil A.C) o homem ocidental europeu começa a manipular o ferro e a fixar suas moradias, os conflitos por dominação pelas regiões com água, caça e frutos abundantes deram origem às primeiras guerras, resultando na escravização dos seres humanos para a obtenção da força de trabalho.

As atividades humanas começaram a ser divididas, o agricultor plantava e colhia, o ceramista fazia vasilhas, o pastor cuidava dos rebanhos e o tecelão produzia tecidos, assim as pessoas tiveram que começar a trocar uma parte daquilo que produziam.

Por volta do século V não havia senhor sem-terra, nem terra sem um senhor, consolidando-se no continente Europeu, um sistema econômico, político e social denominado Feudalismo, oriundo do fim do Império Romano.

Segundo (HUBERMAN, 1981), “a sociedade feudal consistia dessas três classes sacerdotes guerreiros e trabalhadores, sendo que o homem que trabalhava produzia para ambas as outras classes, eclesiástica e militar”. No regime de servidão traço fundamental do feudalismo, o “Servo”, teria que trabalhar na propriedade do senhor que tinha de ser arada primeiro, semeada primeiro e ceifada primeiro.

Na época a determinação da riqueza do homem, era medida pela quantidade de terra que o mesmo possuía, essa, disputada consecutivamente. Um mesmo senhor poderia possuir vários feudos, sobretudo ele “arrendava” a terra, a relação entre o senhor das terras e aquele que produzia ficou conhecido como colonato.

Sobre a produção do manso servil retirava-se uma parcela, a talha. Pela utilização do forno, do moinho ou de algum outro bem do senhor feudal pagava-se uma taxa denominada banalidade. Para a igreja, o servo contribuía com o dízimo. Ao final, restava-lhe cerca de um sexto do que havia produzido (COSTA, 2008. Pág.157).

No período feudal as culturas eram plantadas em faixas, como cita (HUBERMAN, 1981) “a fim de não esgotar o solo, na verdade sabiam que o cultivo do mesmo tipo, todos os anos, no mesmo local, era ruim, e assim mudavam o plantio, de campo para campo.”. Com caráter essencialmente agrícola e intra-feudo, a economia feudal pouco se desenvolveu nas relações comerciais, o consumo era produzido a partir do que se necessitava, sendo a maioria dos feudos, autossuficientes.

(DANTAS e PACHELLY 2008) descreve que “havia um baixo nível de trocas comerciais, não havia a necessidade de produção de excedentes em grande escala. Neste contexto, o campo passa a ser a única fonte de subsistência e de riqueza”. Quase nada era comprando, o escambo entre objetos ou forças de trabalho poderiam ser feitas entre os feudos, porém a vida econômica ocorria sem muita utilização do capital. Todo o capital dos padres e dos guerreiros era inativo, estático, imóvel e improdutivo, pois não havia circulação, sendo usado apenas para acumulação.

A partir do século XI, a Europa passa a viver mudanças socioeconômicas significativas, o renascimento comercial da época pelas feiras localizadas nas rotas de comércio, foi o fator principal do renascimento urbano, as feiras recebiam a “proteção dos senhores feudais que em troca, cobravam taxas de entrada e saída, armazenamento, venda e armação da barraca” (COSTA, 2010.pág.175).

A importância das feiras não foi só a comercialização de mercadorias, mas também o reaparecimento de variadas espécies de moeda, nos centros das feiras os cambistas, pesavam, avaliavam e trocavam, fortalecidos pela igreja e burgos, formado-se um novo grupo social ligado ao comércio, chamando Burguesia. “A reativação do comércio foi criando as condições para a estruturação do modo de produção capitalista e para a destruição dos pilares da economia feudal.” (SPÓSITO, 2001, p. 31. Apud DANTAS e PACHELLY 2008).

O mercado semanal era uma alternativa diante aos meios de transportes precários e a transição das inconstantes procura por mercadorias. Anos mais tarde, no começo do Século XIV, por volta de 1300, as terras europeias apresentaram insuficiente produção agrícola e estagnação do comércio, a subalimentação e epidemias, resultou no fim do Sistema Feudal e o começo da expansão marítima a procura de terras para dominação.

No início do Século XV, com a expansão das esferas do conhecimento como a cartografia e a engenharia, a sociedade Europeia, sobretudo o país de Portugal, investiu nas construções de grandes navegações, em consequência no ano de 1500, Pedro Álvares de Cabral chega ao território que hoje chamamos de Brasil, devido ao nome de uma árvore de tom avermelhado, trocada com os povos que, as terras possuíam e conheciam.

Grande parte das populações ali residentes foram dizimada nos confrontos covardes contra homens, cavalos e arma de fogo, resultando na constituição dos impérios coloniais. Sabemos que existiam guerras entre os diferentes povos indígenas, entretanto dentro de um povo prevaleciam as relações igualitárias de trabalhos cooperativos. Na comunidade as trocas desempenhavam um papel que não se limitava à mera acumulação de riqueza, elas tinham um caráter ritualístico, fortalecedor de laços solidários, pois o “modelo econômico” era de subsistência, não havendo comércios e nem propriedade privada.

A organização econômica colonial, foi constituída unicamente para fornecer matérias-primas, produtos tropicais e riquezas minerais a Portugal. Com as práticas mercantilistas facilitados pelo comércio marítimo, a exploração sobre as colônias aumentou a diversificação dos artigos de consumo e a acumulação de capital.

Os pilares que criaram o capitalismo foram a acumulação primitiva de capital, a posse dos meios de produção e a força de trabalho, com o colonialismo começou a produção em larga escala, o açúcar, o arroz e o algodão, passavam a não ser mais exclusivos a nobreza e começaram a ser importados em quantidade suficiente para o consumo de massas.

A mais importante consequência da expansão ultramarina foi o afluxo de metais preciosos para o continente europeu. Calcula-se que na última década do século XV, o ouro e a prata em circulação na Europa atingiram, em dinheiro atual, 200 milhões de dólares. Cem anos depois o volume de metais preciosos chegava a 1 bilhão de dólares. No século XVIII, tal acúmulo de riqueza, gerado tanto sob a forma de metais preciosos quanto pelo comércio – a que se deu o nome de acumulação primitiva de capital – contribuiu decisivamente para a implantação do capitalismo industrial. (COSTA, 2010. Pág. 213)

O autor relata que com a criação do Pacto Colonial, as metrópoles possuíam exclusividade do comércio das colônias, criando-se assim uma pequena elite que defendiam os interesses da metrópole. A sociedade Brasileira se estruturou em função das necessidades e interesses econômicos do capitalismo, “as estruturas econômicas tinham por principais características a monocultura de exportação, latifúndios, escravidão e comercialização para fora da colônia”.

Praticamente toda a riqueza produzida na colônia era fruto do trabalho escravo. Através da Doação de terras para nobres portugueses, chamadas Capitanias hereditárias, o Brasil foi dividido em 15 lotes de terra. Anos mais tarde, em 1840, a economia cafeeira impôs-se com vigor, controlado pela aristocracia rural e escravagista.

Na Europa por volta de 1760, começa a chamada revolução industrial originada da acumulação primitiva de capital e o desenvolvimento de máquinas, sua primeira fase, conhecida por “era do carvão e do ferro” o capitalismo desenvolveu-se como sistema de livre concorrência, baseado na liberdade de comércio e de produção.

A acumulação primitiva de capital pela sociedade europeia foi oriundo das explorações das riquezas das colônias e a escravidão de seres humanos negros africanos para a força de trabalho.

Nos anos 1860 a 1914 a segunda revolução industrial ‘era do aço e da eletricidade’, o capitalismo já estava baseado nas práticas monopolistas, centradas no controle de mercado pelos trustes e cartéis. O liberalismo econômico, permitiu que as grandes empresas eliminassem as pequenas pelo processo de substituição da livre concorrência pelo monopolismo, assim o capitalismo industrial cedeu lugar ao capitalismo financeiro, onde os bancos passaram a controlar as empresas industriais ou comerciais.

“Com o crescimento do monopólio, a oferta e a procura não se ajustaram - foram ajustadas, as indústrias eram gigantescas, eficientes e poderosas, poderiam reduzir os custos pela economia de produção, venda e administração” (HUBERMAN, 1981), fizeram o possível para eliminar a concorrência, tentando obter o controle da produção das mercadorias para poder controlar a distribuição e os preços, sempre priorizando o lucro financeiro para os donos dos meios de produção.

Com a expansão do mercado, o sistema fabril começou a produzir em grande escala, o trabalho mecanicista dividido em funções especializadas em um ritmo intenso visava apenas o lucro. A moral, a política, a literatura e a religião reuniram-se numa grande conspiração para promoção da poupança.

Os buscadores dessas novas riquezas, idealizados na conduta cristã, acreditavam que o reino dos céus eram deles, “era melhor cristão o homem cujas atividades fossem mais adequadas à aquisição de fortuna” (HUBERMAN, 1981), gerando a união perfeita da acumulação de riqueza aos hábitos de trabalhos firmes em prol do capital.

O desenvolvimento inicial do capitalismo foi impulsionado pelos valores do calvinismo, que encorajava o trabalho, o lucro e a poupança, tendo a Inglaterra como escola clássica da economia política, direcionados pelo eixo da propriedade privada e individualismo econômico.

A divisão entre ricos e pobres ficou mais acentuada na revolução industrial, levando os trabalhadores a se organizarem na luta de melhores condições de vida, reconhecendo-se como uma classe, nessa mesma época foram formuladas uma série de doutrinas chamadas “leis naturais da Economia”.

Malthus, clássico pensador econômico, afirmava que a razão pela qual as classes trabalhadoras eram pobres, não estava nos lucros excessivos (razão humana) mas no fato de a população aumentar mais depressa do que a subsistência (lei natural).

Em 1798 publica em seu livro *An Essay on the Principie of Popttiation* uma solução para o extermínio da pobreza, além da miséria e do vício, um terceiro controle da população era possível, greves, revoluções, caridade, regulamentações governamentais, nada disso poderia ajudar os pobres em sua miséria, eles é que deviam ser responsabilizados, pois reproduziam-se tão rapidamente. “Pratiquem o controle moral e assim poderão ter esperanças de ajudarem a si mesmo”. (MALTHUS, 1798 APUD HUBERMAN, p. 179. 1981.).

No Brasil, na metade do século XIX, o país passava por um intenso processo de urbanização, intensificando o setor de serviços, consolidando-se nas indústrias. Discussões escravagistas, apontavam para um longo, lento e gradual processo abolicionista.

Com a criação de falsas leis como a do ventre livre e a leis dos sexagenários em 1880, o movimento abolicionista se intensificou (a escravidão já era uma prática abolida em todo o resto do mundo), com o crescimento do trabalho assalariado e das atividades industriais, em 1888, há apenas 131 anos atrás, foi assinado a lei Áurea.

Criando-se assim uma classe trabalhadora livre e sem propriedades, afastada dos latifúndios, ficaram à mercê nas estradas sem meios de subsistência, característica essencial ao capitalismo industrial, pois assim ficariam dispostos a aceitar qualquer condição de emprego, a fim de trabalhar em troca de salários.

Quando os trabalhadores não são donos da terra e das ferramentas, separados assim dos meios de produção, são obrigados a vender a única coisa que lhe restam, sua capacidade e força de trabalho, a fim de conseguir recursos para comprar alimentos, moradia e vestuário, entre outras coisas necessárias para sobreviver.

Os africanos e seus descendentes continuavam subjugados a legislação escravista e a repressão sistêmica, não lhe foram doadas terras, nem instrumentos de trabalho para a garantia de sua sobrevivência, além do mais, os traços culturais de cada povo foram desrespeitados e as populações foram submetidas aos valores culturais dos dominadores.

Segundo Costa (2010), com o avanço da revolução industrial e a dominação das oligarquias rurais sobre a população brasileira, a demanda pela borracha aumentou a exploração na região amazônica, na Bahia cacau e fumo se expandiram e no sul do Mato grosso e no triângulo mineiro a pecuária, apesar da maior complexidade da economia e da crise da escravidão, as estruturas econômicas agrárias e exportadores permaneceram iguais.

Com o imperialismo o mundo se encontrava direta ou indiretamente submissos aos governos das grandes potências econômicas, a economia passou a ser regida pelos interesses do capitalismo internacional, dominando o comércio mundial, entretanto “atrocidades foram generalizadas, nenhuma nação imperialista tem as mãos limpas” (HUBERMAN, 1981).

Segundo Huberman (1981), em 1898, o grande acúmulo de capital resultou no capital excedente, onde se produziam mais do que poderiam consumir ou se ganhava mais do que poderiam gastar, as grandes nações buscaram as colônias da América para a comercialização dos produtos excedentes, essas práticas lhe geram altos lucros, já que em “países atrasados” o capital é escasso, o preço da terra e os salários são baixos, e a matéria-prima é barata.

Em 1918 após a primeira guerra mundial a supremacia econômica, financeira, política e militar da Europa passa para os Estados unido. Por isso não muito longe a nossa realidade, a maioria dos produtos que consumimos, como equipamentos eletrônicos, vestuários e produtos culturais são oriundos da nação americana.

O imperialismo continua vivo, de forma intensificada, o monopólio na indústria aumenta com o passar dos tempos, junto a ele o imperialismo ganha forças. Enquanto o capitalismo continuar com os seus ideais, nunca usará o acúmulo de riqueza ou o capital excedente para melhorar e elevar o padrão de vida das massas trabalhadoras, pois isso significaria uma queda nos lucros.

Entre os períodos de guerra 1918-1939, forma-se um sistema autoritário de dominação, o Fascismo, procurando sustentar o capitalismo em crise e desestabilizar a classe trabalhadora por meio da “destruição das liberdades individuais e coletivas, tendo como características o totalitarismo, nacionalismo, militarismo, corporativismo, expansionismo, anticomunista, e o racismo” (COSTA, 2010).

Karl Marx em sua obra *Manifesto Comunista* em 1848, afirma que as formas de Estado, não podem ser compreendidas em si, nem explicadas pelo progresso geral do espírito humano, pois estão enraizadas nas condições materiais de vida, na produção social que os homens realizam.

A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade - a base real, sobre a qual se levantam as superestruturas jurídica e política, e a que correspondem formas definidas de consciência social. O modo de produção na vida material determina o caráter geral dos processos de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas sim o contrário, é sua existência social que determina sua consciência (KARL MARX 1848 Apud HUBERMAN, p. 202 1981).

A problemática do sistema capitalista, acontece por esse não produzir mercadorias para o uso, e sim para a troca com lucro, a indústria não produz com o objetivo de atender a uma certa procura, e sim com base nos lucros, os minérios extraídos, as plantações colhidas, o trabalho humano e as rodas da indústria só se movem se os donos dos meios de produção verem a oportunidade do lucro.

Segundo Huberman (1981), o paradoxo da pobreza em meio à uma economia de abundância, onde a produção ultrapassa o consumo, pode ser feito apenas através da eliminação dos excedentes. A produção de maior número de mercadorias para o consumo provoca a baixa dos preços; a restrição da produção, ao contrário, eleva os preços e, assim, aumentando os lucros, dessa forma, o planejamento capitalista seria um planejamento de escassez.

A predominância da economia comercial dificulta o desenvolvimento local, as tecnologias desenvolvidas não são utilizadas, as habilidades do operário não são exercidas, as descobertas científicas não são aproveitadas a não ser que prometem lucro em dinheiro, mesmo esse sendo apenas um dos meios de troca. De acordo com (HUBERMAN, 1981) “O

dinheiro só se torna capital quando é usado para adquirir mercadorias ou trabalho com a finalidade de vendê-los novamente, com lucro”.

A acumulação, tem por base o consumo desenfreado dos trabalhadores, significando produção de quantidades maiores de mercadorias, essas por sua vez são feitas a partir de recursos naturais finitos extraídos da natureza e logo descartados devido a obsolescência planejada, movendo o ciclo que degrada cada dia mais o meio ambiente que vivemos.

Muitas pessoas na sociedade alegam que graças ao “sucesso” do capitalismo nos últimos 150 anos, pode-se produzir enorme quantidade de variedade de artigos de consumo e proporcionar às massas um padrão de vida sem precedentes, principalmente nos Estados Unidos da América, no qual “respondem a 25% do total das emissões de gases de efeito estufa mundial, sendo o maior poluidor do planeta” (SEIFFERT, 2014).

O padrão de vida está associado a magnitude do consumo, os processos de crescimento econômico e não propriamente desenvolvimento, aumentaram nos últimos séculos, porém para quem? Apenas os mais ricos ficaram mais ricos e a população pobre continua sendo fonte de exploração.

A distribuição de renda, acesso e recursos são totalmente injustas, gerando desigualdade entre os povos e degradação a natureza, os capitalistas dão os ombros e afirmam que tudo está regido pela “lei natural”, onde todos recebem e ganham de acordo com os trabalhos que executam. Sabemos que junto a acumulação dos magnatas do capital, cresce a massa da miséria, opressão, escravidão, degradação e exploração.

Os poucos que não trabalham vivem com conforto e luxo explorando aqueles que trabalham muitas vezes sem a garantia de seus direitos. Basta olhar em nossa volta e saberíamos o que devemos evitar, não são sonhos utópicos de uma sociedade querer eliminar a pobreza, ou eliminar o desperdício ou querer representantes justos e coerentes.

Sobre essa perspectiva, a história da humanidade deixa de parecer um rodopio de ideias sem sentido, mas sim um processo de evolução do próprio homem, “o caminho trilhado interconectado, a economia, política, leis, religião e educação de cada civilização é

condicionado e dependente uma das outras, porém de todas essas forças a economia é a mais importante” (HUBERMAN, 1981).

A forma pela qual os homens trabalham é a base de toda sociedade. A modificação que ocorre na economia, novas formas de produção e troca, são agentes modificadores da revolução social e política, os conceitos de direito, justiça, educação etc. constituem o conjunto de ideais da sociedade, por isso tão importante a ressignificação do termo progresso, já que crescimento econômico não está obrigatoriamente atrelado a sociedades evoluídas.

O regime econômico de desenvolvimento, desconecta dos processos naturais ancestrais, baseados na tese do medo, afirmam que não seria possível todos os habitantes gozarem dos plenos benefícios do planeta, difundindo o círculo vicioso da pobreza, na justificativa da continuidade do crescimento econômico.

Omitindo a responsabilidade ambiental do consumo excessivo, gerado para suprir necessidades de relacionamento social, os regimes de escassez são descaracterizados justamente pelo desperdício.

O modelo enfrenta crescente crise exponencial de (Suicídio Ecológico) idealizando que, as catástrofes ambientais como o aumento da temperatura da terra, o assassinato das águas (no planeta onde todos os seres vivos são compostos de água), a desertificação do solo e a poluição do ar, serão facilmente curados pela tecnologia.

O consumo de massa, aumenta a escala da pressão sobre os territórios, o consumo da água, dos minérios, alimentos e os resíduos, impacta o meio ambiente. Uma sociedade que cresce economicamente, por meio de princípios da monocultura de exportação, latifúndios, exportação mineral e escravidão, retira seu crescimento da exploração dos recursos naturais e na mão de obra abundante, na qual busca suprir as necessidades do resto do mundo e propositalmente esquece de suprir suas próprias demandas.

Por isso durante anos, cientistas fazem a mesma pergunta, há limites para o capitalismo e a ganância dos homens? Por que não conseguimos parar de reproduzir esse sistema que segrega cada dia mais, homens ricos e pobres, que gera crescentemente impactos ambientais,

alterando a qualidade do ar, da água, do solo, dos minérios, modificando a paisagem e extinguindo toda a biodiversidade do planeta?

Perguntas são mais instigantes que as respostas, neste trabalho não temos respostas prontas para as perguntas acima, entretanto plantamos a sementinha do questionamento. O que são algumas páginas de história, dentro da escala geológica da terra que possui 4,6 bilhões de anos? Quantos anos mais a vida humana sobreviverá a este modelo? Temos capacidade racional para aprendermos com os nossos erros e trilhar novos caminhos.

1.2 POR QUE TRILHAR NOVOS CAMINHOS?

A solidariedade com futuras gerações e com todas as formas de vida existentes no planeta é limitada a riqueza, esquece-se de todo o aparato biológico que é preciso para que se exista a vida, como a água potável, o ar composto por seus gases naturais e o solo saudável produtivo; nos alimentando, alimentando as águas, alimentando todos os seres vivos. Todos que vivem na terra, precisam da terra para sobreviver.

A utilização dos recursos naturais finitos, não respeita a capacidade natural de recomposição dos ecossistemas, após a revolução industrial, “o homem passa a criar substâncias de natureza sintética, cujas características químicas são muito distintas das substâncias naturais, ou seja, não são biodegradáveis, quebrando o ciclo natural da decomposição” (SEIFFERT, 2014).

Esse ciclo de extração, produção e consumo resultando no descarte, não representa uma lógica coerente com os processos naturais de um ecossistema. “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, como cita (LAVOISIER 1774), a noção existente de ‘resíduos’ que nós seres humanos temos, não existe na mesma.

A degradação socioambiental do meio urbano, é mais perceptível, devido a aglomeração de pessoas impactando diariamente o meio ambiente. O tamanho da pegada ecológica de cada indivíduo é “determinada pela demanda de produção de determinado bem

e serviços para seu consumo, gerando assim maior produção de esgotos, efluentes industriais, gastos energéticos, emissões atmosféricas e resíduos sólidos” (SEIFFERT, 2014).

O consumo vira fonte de prazer, tornando-se um vício, tentando preencher anseios humanos ou substituir aquilo que carecemos. Estamos mais conectados e menos presente, motivados sempre ao individualismo e a suprir apenas nossas necessidades individuais, esquecendo do próximo ao lado e dos nossos descendentes das futuras gerações que herdarão este planeta assim como deixamos.

(BRAUDRILLARD, 1995 p.11) em sua obra a “Sociedade de Consumo” discorre sobre o assunto, “o consumo surge como modo activo de relação (não só com os objectos mais ainda com a colectividade e o mundo), como modo de actividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo o nosso sistema cultural”.

A valorização do individualismo, separa o homem da sua sociabilidade e conexão com o meio onde vive, cada qual em sua casa, em seu carro, focado na sua vida e amedrontados pelo sistema gerando doenças mentais, emocionais e físicas, os índices de depressão, ansiedade, stress, suicídio, vício, atrelados a alimentação não nutritiva e envenenada gera câncer, obesidade, diabetes, realizando assim o controle populacional que *Maltus* proclamava.

Tanto na lógica dos signos como na dos símbolos, os objectos deixam totalmente de estar em conexão com qualquer função ou necessidade definida, precisamente porque respondem a outra coisa diferente, seja ela a lógica social seja a lógica de desejos, às quais servem de campo móvel e inconsciente de significação (BRAUDRILLARD, 1995 p. 11).

As crianças que não brincam mais umas com as outras, como retrata (MEIRA, 2006 p.20 apud TRISTÃO 2012) “os sujeitos das sociedades avançadas estão cada vez mais vinculados aos fluxos globais e cada vez menos aos lugares que habitam” as pessoas não sabem mais reconhecer um pé de feijão, estamos afastados dos processos naturais da terra, esquecemos da sazonalidade, dos ciclos, do tempo, as vezes esquecemos que tudo o que temos e precisamos, deriva do planeta terra.

Com a transformação da nossa alimentação em pacotes de consumo, acarretando muitas vezes no desperdício pelo excesso de alimentos, deixarmos estragar ou se perder, ao

consumir algum animal pensamos nele como um pedaço de carne e não mais como uma vida que se foi.

O mesmo acontece com os vegetais, ao se comer por exemplo uma mandioca não associamos o tempo de seu cultivo, que demora mais ou menos um ano para que possa ser servida, com as facilidades e excessos que os meios de produção e de comercialização trazem ao consumidor em prol da “praticidade” da vida moderna, não temos mais o costume de respeitar o que comemos, o alimento é responsável pela nutrição e manutenção do corpo humano.

A desconexão faz uma ilha urbana em torno de cada pessoa, e molda no imaginário que as coisas sempre foram assim fáceis, como exemplo abrir a torneira e sair água, associamos a água a torneira e não mais ao rio, assim criamos o imaginário da natureza vista como selvagem, algo que precisa de dominação humana, nos remete medo e nos afasta da preservação.

Para um novo caminho é preciso resgatar nossa conexão planetária, através de práticas educacionais, valorizando os saberes tradicionais e os saberes locais, construídos através da história de um povo, na qual pisa e vive da terra, sabendo o que está disponível no local, em busca de uma forma de vida soberana e autossuficiente, que não dependa mais daqueles que nos exploram.

Ao ficarmos dependentes das cadeias de comercialização, ficamos restritos a abundância, se a produção ou o transporte ou a demanda sofre alguma alteração, os preços se elevam, estando disponível apenas para aqueles que podem pagar, como nossa única fonte são os centros de comercialização, a população mais abrangente fica à mercê do que está disponível em seu quintal.

No meio rural as áreas extensivas destinadas ao monocultivo, modo de produção extremamente degradador, dependente externamente de insumos, defensivos agrícolas e fertilizantes, gera o pacote de dívidas entre os agricultores, os bancos internacionais e as multinacionais, na qual impõe o pacote de tecnologia de produção (sementes, maquinário e insumos).

O uso de agrotóxicos, garante que toda a biodiversidade do local esteja morta, o uso exaustivo da terra, traz a desertificação e reduz a capacidade de infiltração da água,

transportando partes do solo, sem contar o desperdício de água pelos sistemas produtivos, todos esses fatores degradam os recursos hídricos.

O modelo de produção agrário apesar de toda a tecnologia propaganda, ainda não se mostrou suficiente para resolver o problema da fome no mundo. O problema não está na quantidade produzida, mas sim na distribuição, atualmente as pessoas morrem de doenças derivadas ao excesso de peso e má alimentação e não apenas pela subnutrição, segundo o estudo (OBESIDADE E DESNUTRIÇÃO) elaborado pelo Ministério da Saúde, “o número de obesos é maior nas áreas urbanas e também está relacionado ao poder aquisitivo familiar”.

O combo da morte é financiado pelo monopólio que envenena o alimento e insere na cultura hábitos alimentares nocivos e depois vende o remédio, a indústria farmacêutica existe a poucos anos, antigamente éramos curados com as medicinas da natureza, curamos nossas doenças, com as plantas das matas, com restrições ou inserção alimentícia, com banhos de ervas, o conhecimento tradicional, passado por avó, mãe, neta.

Atualmente quem produz a alimentos, não estar preocupado com a saúde dos consumidores, segundo (LUCENA, 2018), “o Brasil é campeão mundial de uso de agrotóxico, embora não seja o campeão mundial de produção agrícola. O País ainda é o principal destino de agrotóxicos barrados no exterior”

No padrão cultural que se perpetua, a variedade do acesso é limitada, por exemplo em nossa alimentação, só se chega alimentos que o pacote de tecnologia de produção pode cultivar, além da restrição nutricional, ocorre a exploração demasiada de um só monocultivo ou recurso natural, não respeitando a pluridiversidade da terra.

Os meios de comercialização estão se abrangendo, se adequando ao consumo estabelecido, cada vez mais exigente, mais acumulativo e demandado, os pequenos centros comerciais são sufocados pela concorrência dos maiores. É difícil o acesso do pequeno produtor ou pequeno artesão aos meios comerciais de abastecimento da cidade, gerando riquezas apenas há um grupo social, o dinheiro não circula de forma distributiva.

O sistema repele todos aqueles “indesejados”, que não geram “lucros” ou “benfeitorias” para o homem, incluindo neste o próprio homem, que no êxodo rural, a minoria gananciosa retira da terra o pequeno camponês através da desigualdade e os transforma em

periféricos nos centros urbanos, aglomerando a população sem nenhum ordenamento territorial e maximizando os impactos que elas geram.

A relação da territorialidade na cultura imposta, vendo a terra mensurada por dinheiro, como meio de exploração para o acúmulo de capital, exclui a maioria da população a reais condições de autonomia financeira, a propriedade privada é passada para herdeiros, na ideia que as riquezas permaneçam na família.

O desenvolvimento da área rural, como geração de renda, infraestrutura, escolas e hospitais para os povos que ali habitam é uma questão muito importante para os novos caminhos do desenvolvimento. A soberania latifundiária sobre o território impõe como verdade universal o sistema estabelecido, dificultando as novas vertentes do caminho.

Por tais motivos se faz necessário o incentivo a agricultura familiar, encorajando a resistência de um povo que luta pela sobrevivência em seu local e território. A sociedade deve incentivar no cunho ideológico e também financeiro, é preciso fortalecer as comunidades rurais, que são desestimuladas a todo instante, por meio das políticas públicas, a produzir agriculturas alternativas que respeitem o meio em que estão inseridas e a saúde de seus consumidores.

2 CULTURA SUSTENTÁVEL E OUTROS CAMINHOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.

*A cultura é a parte do ambiente feito pelo próprio homem
(Logo, 1977, pág. 61).*

Por volta da década de 60, cientistas começam a questionar a dubiedade sobre as emissões de poluentes gerados pelas indústrias e as consequências de produtos químicos, como herbicidas e inseticidas em nossa alimentação.

Na década de 70, nasce o termo ecodesenvolvimento, um pensamento ecológico englobando aspectos sociais e econômicos, de uma consciência global dos problemas e perigos dos limites do crescimento, prevendo a escassez dos recursos naturais e as mudanças climáticas globais.

Repensando em outras formas desenvolvimento em equilíbrio com o meio ambiente, segundo (SANCHS 2000) “a mensagem de Estocolmo foi de que não haverá política ambiental bem-sucedida se ela não for organicamente ligada a uma política de progresso social, ou seja, desenvolvimento e meio ambiente não podem ser dissociados”

Porém apenas da década de 90, com evidência que os impactos podem comprometer a qualidade ambiental e assim a sobrevivência humana no planeta terra, começamos a perpetuar a consciência ambiental, demandando a racionalização do uso de energia e de matérias primas.

A percepção que o crescimento econômico não é sinônimo de desenvolvimento, traz a reflexão do que seria um real e bom desenvolvimento, o modelo de crescimento econômico gera custos sociais e ecológicos em tamanha escala, que não nos permite chamá-lo de desenvolvimento. (SANCHS 2000) ainda afirma que “para se atingir o desenvolvimento social é preciso uma análise da política e aspectos culturais de cada povo que são muito importante”.

A PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, engloba no termo de Desenvolvimento, aspectos econômico-social-político-cultural-sustentável e humano. (SANCHS 2000) nos lembra da importância de “Acabar com adjetivos e redefinir o que pensamos e consideramos como desenvolvimento”.

Com o passar do tempo, o Ecodesenvolvimento tomou a nomenclatura de Desenvolvimento Sustentável, “termo bastante aceito pela comunidade ambientalista” (LAYRARGUES 1997), entretanto é necessária atenção ao que se propõe, já que o termo ainda estar em processo de construção e consolidação diante a sociedade e muitas vezes apresenta limitações e ideologias diferentes ao do ecodesenvolvimento.

Como cita (LAYRARGUES 1997), “podemos encontrar no desenvolvimento sustentável, traços de incompatibilidade entre a meta pretendida e seus meios utilizados. ” Pois o termo não engloba mudanças sociais e culturais na maneira de desenvolvimento e sim busca a eficiência energética dos meios de produção e dos bens de consumo, motivando ainda mais o consumo e as formas de exploração.

Um exemplo disso são utensílios de banheiro que prometem uma ecoeficiência na redução da quantidade da água gasta, para um lado é importante que todas as sociedades devam ter o acesso a esses tipos de tecnologias limpas, por outro o comércio desse tipo de tecnologia é altamente elitista e não abrange a maior parcela da população.

Além de culpar a população sozinha pelo desperdício e evasão da água potável, visto que os meios de produção e industrialização, compostos a inadimplência do estado com a gestão dos sistemas de saneamento básico das cidades, são os que mais demandam e poluem as águas.

Ou seja, o termo Sustentável, muitas vezes não garante a preservação dos recursos naturais e a democratização do acesso social, e sim continuam a incentivar um mercado consumidor altamente rico, gerando lucros econômicos.

O problema é acreditar que a proposta do desenvolvimento sustentável pretende preservar o meio ambiente, quando na verdade preocupa-se tão somente em preservar a ideologia hegemônica. O mecanismo cujo funcionamento é dependente da lógica do mercado, sequer foi abalado, ou melhor, saiu até mais fortalecido. O desenvolvimento sustentável assume claramente a postura de um projeto ecológico neoliberal (LAYRARGUES 1997).

Como (TRISTÃO 2012) dimensiona, a questão ambiental “pode ser traduzida como uma questão vital, inter-relacionada com todas as outras dimensões e que diz respeito a todos nós. Não possui territórios demarcados. Entretanto, o impacto da globalização diverge de um país a outro, de uma região a outra. ”

O papel da mídia influenciando o imaginário dominante, nos torna todos os dias consumidores, nossa rede social nos instiga a comprar padrões de vida, na qual se julgam “necessárias” para uma vida como cita (ROYSEN 2018) dentro das “Normalidades”. As necessidades e desejos gerados pelo mercado são sustentados pelas políticas públicas, direcionando nossos costumes culturais.

As políticas públicas, em geral, planejam a construção de infraestruturas e sistemas de abastecimento que atendam às crescentes demandas por água e energia. Elas buscam, assim, garantir a reprodução futura de práticas cotidianas e de “padrões de vida” que, embora insustentáveis, não são questionados (STRENGERS and MALLER 2015 apud ROYSEN 2018).

O caminho para o desenvolvimento sustentável precisa ser incluyente, e produzir além de resultados econômicos a consolidação de uma ética de relacionamento entre os homens e também com a natureza. Desmistificar o modelo da civilização ocidental industrializada de consumo, considerada única e universal por algumas sociedades, levando ao questionamento a reprodução de práticas insustentáveis, pois os valores, as crenças e as atitudes inseridas por diferentes culturas de outras localidades, não condizem com a realidade local.

Como cita, (CONFÚCIO IX A.C apud LARAIA 2001) "A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados". Nossas necessidades biológicas geralmente são iguais, o que nos diferencia uns aos outros é a nossa construção de visão do mundo, ou seja, tudo que é ensinado e vivenciado como costumes, hábitos, educação, crenças e linguagens.

A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem garras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura (LARAIA, 2001, pág. 14).

O termo cultura derivado do vocábulo inglês *Culture*, derivada do termo germânico *Kultur* e da palavra francesa *Civilization*, sintetizado por Edward Taylor (1832-1917) sendo “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”(apud LARAIA, 2001, pág. 14)

É transmitida do grupo social através das gerações, por meio da herança cultural dada através da transmissão da aprendizagem de uma geração a outra, também pelos processos de acumulação, continuidade, e transmissão de elementos culturais. (SANCHES 2000) define-a como “É cultura todo nosso conhecimento do meio em que vivemos, a cultura é um mediador entre a sociedade e a natureza”.

O filósofo grego do século IV a.C. Aristóteles, em sua obra IX da "Ética a Nicômaco" analisou a virtude ética da amizade na qual está vinculada a felicidade que a convivência humana e as relações de compartilhamento social trazem ao homem.

Não menos estranho seria fazer do homem feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade (ARISTÓTELES, 1973, IX, 9, 1169 b 18/20 apud RAMOS 2014).

Ser um animal político, capaz de falar, raciocinar e modificar seu ambiente mais que qualquer outro animal no planeta terra, não expressa a hegemonia de ações comuns determinadas pela espécie, entretanto a repetição dos padrões culturais em nossa sociedade, vão se passando diante as gerações, podendo ser transferidas ou transformadas durante os anos.

Difícilmente uma geração rompe definitivamente com os traços do passado, já que há uma tendência natural dos indivíduos em persistir os elementos constitutivos da herança cultural e a reproduzirem as práticas dominantes, como melhor define (ROYSEN, 2018) "As vidas tendem a girar em torno de alguns "projetos dominantes" constituídos de práticas interligadas que ditam a forma, tempo e lugar em que os indivíduos dedicam seu tempo. "

A perda da ancestralidade, o que pode ser chamada também de cultura imaterial, definida por (SANTOS, 2004) como "o patrimônio cultural imaterial de uma nação engloba todas as formas tradicionais e populares de cultura, transmitidas oralmente ou por gestos", engloba nossas histórias, costumes e saberes tradicionais, é o principal caráter sabotador do molde homogêneo da cultura norte americana.

Assim inserindo em nossos hábitos culturais, a tecnologia, alimentação, vestimentas, meios de comunicação e transporte que geram lucro internacional, não respeitando as especificidades existente no local e gerando altos custos de exportação. Através da cultura de massas onde todos os aspectos culturais viram produtos comerciais, desgastando a diversidade cultural, e não incentivando a arte regional, a cultura não é vista como forma de fortalecimento de um povo, como as cerimônias e rituais.

“A relação entre povos e nações dominantes e povos e nações dominadas é hoje examinada criticamente nos estudos pós-coloniais ou pós-colonialismo. Esse campo traz fortes implicações para a Educação Ambiental” (TRISTÃO 2012).

Nossos hábitos e comportamentos muitas vezes partem do fluxo contínuo e habitual da chamada “rotinização” entretanto não se originam apenas das escolhas individuais racionais, como melhor explica (SHOVE; ET AL 2010 apud ROYSEN 2018) “estão ligadas às infraestruturas de abastecimento, aos objetos e tecnologias disponíveis, à organização dos espaços, aos significados associados às práticas cotidianas, às normas sociais, às competências e hábitos incorporados”.

Segundo (LOGO, 1977. Pág. 64) “os comportamentos regulados pela cultura recebem o nome genérico de costumes”. A modificação desses costumes que constituem o padrão cultural é tão importante dentro de uma sociedade para que se alcance um meio ambiente justo e equilibrado como suas políticas públicas.

Esses costumes são melhor definidos por (ROYSEN 2018) “por meio da criação de novas formas de construir, plantar, se alimentar, educar, se relacionar, consumir, se locomover etc.” Pois assim reduziríamos a *pegada ambiental* e os impactos sobre os ecossistemas.

Mudanças no nosso estilo de vida e as formas nas quais cultivamos, construímos e consumimos, são necessárias para um futuro mais sustentável. (LAYRARGUES 1997) relaciona os termos: “Cultura também é o conjunto dos valores dos usos e das instituições, por outro lado, também está ligado com uma outra variável extremamente importante, neste jogo de harmonização social, do ecológico e do econômico, que é o estilo de vida”.

O estilo de vida enraizados em nossos hábitos, faz com que a reprodução do capitalismo cotidiano seja habitual, não observamos a quem destinamos nossos recursos financeiros, a origem do que compramos, o que consumimos, muitas vezes sem ter a consciência da magnitude da crise ambiental.

O consumo é o momento final de um complexo processo de produção, comercialização e financiamento que envolve inúmeros fatores. Quando consumimos um produto, em cuja elaboração seres humanos foram explorados e o

ecossistema prejudicado, nós próprios somos co-responsáveis pela exploração daquelas pessoas e pelos danos ao ecossistema, pois com nosso ato de compra contribuímos para que os responsáveis por essa opressão social e má-conduta ecológica possam converter as mercadorias em capital a ser reinvestido do mesmo modo, reproduzindo as mesmas práticas injustas socialmente e danosas ecologicamente (MANCE, 2005).

Ao girar a economia em torno dos pequenos, os consumidores cumprem um papel fundamental, exercendo seu “poder consumidor”, instrumento muito importantes ao consumo consciente e fora do convencional, aprendendo a identificar os padrões que move o sistema atual e não mais alimentar o convencional, o ruim e o inumano.

Atentemos aqui aos paradigmas do consumo consciente, muitas vezes esse tipo de consumo se torna elitista, um exemplo é a indústria orgânica, originada pelo movimento orgânico, onde as grandes estruturas capitalistas, inseriram alimentos orgânicos altamente processados e caros as prateleiras do supermercado.

(ROYSEN 2018) descreve um pouco mais sobre as práticas incorporadas aos regimes alimentício, “o tipo de sustentabilidade traduzido para o regime foi a produção sem utilização de químicos e com maior biodiversidade, mas não a preocupação com as demandas energéticas relacionadas ao transporte, processamento, empacotamento e armazenamento industriais”.

Falar em agroecologia não é falar somente sobre a produção de alimentos, mas também da forma como está sendo feita essa produção e quem será beneficiado com tal trabalho, se esse produto terá maior qualidade, já que foi feito sem agredir o meio ambiente, além de respeitar a cultura local e valorizar as relações entre as pessoas, assim sendo, as formas de produzir, organizar e comercializar os produtos também são importantes dentro da agroecologia (MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS 2008).

A percepção da vida integrada onde cada unidade faz parte do todo, como as células do corpo humano onde só existem se os onze sistemas distributivos estiverem em harmonia. A soberania alimentar e a autossuficiência local, garante condições de vida menos condicionadas a cadeia do sistema imposto, não só associados aos meios de produção, como também aos vínculos empregatícios.

O sistema de servidão oriundo da escravidão, onde a maioria sustenta os excessos de uma minoria, requer que os direitos de um povo a vida integrada, não dependam das condições financeiras de subsistência, onde as divisões de trabalho sejam mais igualitárias, ressignificando a importância e valor atribuídos socialmente a cada profissão.

O empoderamento do senso de comunidade e a reprodução dos costumes de cooperação, solidariedade e consciência, movidos a formas participativas e democráticas na tomada de decisão, como relata (LAYRARGUES 1997) “como as pessoas se relacionam com o ambiente e como elas enfrentam seus dilemas cotidianos; bem como o envolvimento dos cidadãos no planejamento das estratégias, pois eles são os maiores conhecedores da realidade local”, viabiliza não somente a preservação dos sistemas ecológicos, mas também a sustentação dos processos sociais e culturais da sociedade.

2.1 ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA.

“ O fundamental é que as pessoas possam optar: não acredito que se deva destruir o capitalismo. Gostaria que ele fosse abandonado espontaneamente. ”

Paul Singer 2007.

Neste subcapítulo vamos abordar alguns pesquisadores do tema Economia Popular Solidária, um novo caminho de desenvolvimento econômico, bastante importante para a cultura sustentável pois a sustentabilidade não acontece sem uma sociedade justa e igualitária.

Primeiramente vamos retratar os conceitos da chamada *Economia Ecológica*, onde o sistema econômico ao desconsiderar que está inserido dentro de um ecossistema, julga-se ilimitado. Após abordaremos as trocas baseadas na *Dádiva*, conceito explorado por *Mauss* na qual insere a subjetividade complexa dos seres humanos nas formas de troca. Conceituamos também alguns termos da *Economia Popular Solidária*, apresentando outras formas de organizações socioeconômicas.

A Economia Solidária caracterizada por (MANCE, 2005), “Tem como principal objetivo a reorganização das ações sociais de modo a promover a realização humana de cada pessoa e grupos sociais”, devolvendo ao fluxo econômico, grupos que vinham sendo excluídos da lógica perversa do capital.

As formas associativas de convivência, amplia os campos de cooperação e estabelece novas dinâmicas comunitárias, como descreve (LINS E PIRES 2003) “Através do fortalecimento de coletividades locais, seja possível a formação de uma cidadania ativa capaz de estabelecer um novo contrato social”.

A ideia-chave do tema solidariedade repousa na noção de reciprocidade, na qual traduz o sentimento de pertencimento à humanidade, atentando a dívida em relação às sociedades passadas e o compromisso com as futuras gerações. “Assim, a ideia de legado para as gerações futuras está tão presente no tema sustentabilidade como no de solidariedade” (LINS E PIRES 2003).

Os níveis diferenciados de consumo nas sociedades são paralelamente atrelados às diferenças de status socioeconômico da população. Dantas e Pachelly (2008) descrevem que as feiras ou mercados informais destinado às trocas comerciais nos centros urbanos, são as formas de comércio que mais viabiliza o consumo da população de baixa renda ou em estado de vulnerabilidade.

Criando-se assim uma rede social, como (DIANI; WANG e SOULE 2012 apud ROYSEN 2018,) retrata “essas redes de interação possibilitam a circulação de recursos, informações, significados culturais e identidades, possibilitando a emergência de coalizões, eventos de protesto e outras formas de ação coletiva.” As redes criadas através dos vínculos sociais, entre a população e o produtor, incentivam a solidariedade, a cooperação e a confiança mútua, “criando assim espaços seguros para a experimentação cultural.”

“A agricultura familiar, o artesanato e o pequeno comércio são exemplos de atividades integrantes ao modo de produção Solidária” (SINGER 2008), onde os membros trabalham em conjunto, por meio da cooperação, solidariedade, autogestão e ação econômica, usufruindo coletivamente dos resultados das atividades.

Uma das principais dificuldades desses grupos, são o acesso aos mercados e a formas de comercialização, junto ao acesso a crédito e investimento, a assistência técnica e a gestão do empreendimento. As relações injustas que caracterizam os processos comerciais, separa quem produz e quem consome, desvirtuando para o empreendimento os ganhos gerados através da exploração do produtor e o consumidor.

Por isso se faz importante questionarmos por qual caminho anda o sistema econômico que fortalecemos em nossos territórios. A sua comercialização entra na proposta do desenvolvimento sustentável? Atinge a dimensão social por meio dos processos participativos, de autogestão e distribuição igualitária da renda econômica, assumindo assim um consumo consciente, ético e solidário também com a dimensão ambiental, consumido produto que seus recursos naturais, produção e descarte não degradem e respeitem o meio ambiente.

Ao se escolher o comércio local fortalecemos os produtores da região, diminuindo o gasto energético e os custos sobre o produto com as exportações, além de ter certeza sobre a origem do alimento e os processos de armazenamento. Quando optamos com a compra direta ao produtor diminuimos a cadeia de vendas representado por produtores, negociantes, fabricantes, distribuidores e consumidores, transformando-a em um canal simples entre produtor e consumidor.

Assim facilita a viabilidade do comércio de preço justo, pois quando não pagamos o preço do recurso natural que utilizamos, o trabalho de produção, o transporte para a distribuição e os encargos e impostos do estado, no preço final destinado ao consumidor, (prática muito utilizada no capitalismo industrial) propagamos a exploração dos seres humanos e da natureza.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) no artigo 23-3 “Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória que lhe permita e a sua família uma existência conforme com a dignidade humana.” O preço justo então é aquele que permite a manutenção da prática produtiva coerente aos recursos, e possibilita que a família ou o grupo associado produza e viva com dignidade no campo, não excluindo uma parcela da população ao acesso.

A economia justa e solidária baseia-se na produção simples, onde os agentes possuem seus próprios meios de produção, distribuição e comercialização. Não se limitando nas trocas econômicas, mas também na possibilidade de resgatar os valores capazes de fortalecer os vínculos sociais, como retrata (LINS E PIRES 2003) “O tecido social se exprimir, portanto, por valores não materiais como: bondade, doação, confiança, solidariedade”.

As autoras relatam ainda que, a economia solidária tem uma perspectiva inclusiva, “ênfatiza no conteúdo ético, na restauração dos laços sociais, na ampliação da democracia e na “humanização” do capitalismo”, na qual todas essas características “exigem a (re) criação conjunta de regras de convivência que assegurem o pacto social planetário”, pois o desenvolvimento socioambiental precisa ser gerado pelo conjunto da humanidade.

O conjunto da humanidade é um complexo de muitas variáveis, interligadas umas às outras, condicionadas pelo passado e futuro, complementadas pela racionalidade e emoções complexas que englobam o ser humano. Realizamos trocas a todo momento em nossas vidas, seja pelo meio energético com a dissipação do calor, seja através do ar, inspirando oxigênio expirando carbono, sejam através da reciprocidade em dar e receber, ou através da materialidade do pagar e adquirir.

A economia ecológica nos atenta ao discutir sobre os limites da existência humana, diante do seu caráter metabólico dos processos de desenvolvimento. Como melhor explicado por (CECHIN e VEIGA 2009) no capítulo *O fundamento central da Economia Ecológica* “as atividades econômicas sempre foram indissociáveis dos ecossistemas. A humanidade depende da capacidade dos ecossistemas de prover recursos e serviços e ainda absorver os resíduos. ”

A economia convencional não considera a lei da entropia como um conceito significativo, “ignorando que o problema ecológico surge como uma falha no metabolismo socioambiental” (CECHIN e VEIGA 2009) “Por prestar atenção às restrições ecossistêmicas ao metabolismo da humanidade, a economia ecológica não se ilude quanto à possibilidade de o sistema econômico aumentar em tamanho definidamente. ”

Os processos como convivemos com o planeta tem inspiração na natureza, as plantas realizadoras da fotossíntese são essenciais em todos os ecossistemas, esses são definidos como um sistema de organismos vivos que interagem com o meio físico, químico, biológico e social na qual estão inseridos.

São sistemas termodinâmicos abertos, pois não estão isolados de outros sistemas, recebem do sol a entrada de energia e dissipam a energia interna, realizando assim uma troca contínua de energia e de matéria com o ambiente. As leis da termodinâmica, possui o

princípio da conservação da matéria, ou seja, não é criada nem destruída, mas reciclada constantemente.

A 1ª Lei da termodinâmica conhecida por “Tudo está ligado a tudo” chamada a lei do equilíbrio interno dinâmico, num sistema isolado, a energia interna permanece constante. “Esta primeira lei não coloca limitações sobre as possibilidades de transformação de energia de uma forma para outra”(SPROVIERO 2001).

A 2ª Lei conhecida por “ tudo deve ir a algum lugar” ou Lei da Entropia é conhecida como o fenômeno e distribuição de substâncias no meio ambiente, ou seja, em cada transformação de energia, menos energia fica disponível para realizar trabalho e energia dissipada não pode mais ser utilizada. “Ela mede o grau de desorganização ou ineficiência de um sistema. Os sistemas gerados pelo homem são extremamente entrópicos quando comparados aos sistemas naturais. (SEIFFERT, 2004 pág. 6).

Portanto a lei da entropia refere-se à desordem de um dado sistema, associada ao consumo e degradação de energia, ou melhor, a produtividade não deveria ser medida pela quantidade de bens econômicos, mas sim pela quantidade produzida com o menor desperdício energético. Como (SPROVIERO 2001) afirma, “entropia: “Progresso” para a destruição”, pois a ideia do conceito progresso está associada a ciência e a tecnologia, entretanto “a lei da entropia mina a ideia da história como progresso. ”

As diferenças entre as duas teorias econômicas, a ecológica e a convencional está na visão geral de cada uma sobre a realidade. Segundo (CECHIN e VEIGA 2009) a convencional enxerga a economia como um todo, e quando considera a natureza, o meio ambiente ou a biosfera, esses são divididos em setores da macroeconomia como florestal, pesqueiro, mineral e agropecuário.

Já a economia ecológica, é vista como um “subsistema aberto de um sistema bem maior, que é finito e não aumenta” (CECHIN e VEIGA 2009). É materialmente fechado, mesmo que aberto para a energia solar, portanto “é entender que a Terra é atravessada por um fluxo de energia extremamente significativo, que é finito e não crescente. Entra na forma de luz solar e sai como calor dissipado.

Em outras palavras, “o crescimento econômico não ocorre no vazio. Muito menos é gratuito” (CECHIN e VEIGA 2009). O limite a expansão econômica é justificado por este

ser um subsistema aberto desse imenso sistema fechado, ou seja, “qualquer expansão da macroeconomia tem um custo, qualquer aumento do subsistema exige algum tipo de contrapartida natural”.

A visão econômica de produção de bens e serviços, considerando apenas os três fatores de produção; trabalho, terra e capital, de acordo com os autores, apresenta uma visão falsa de qualquer economia, pois a considera um sistema isolado na qual nada entra e nada sai. “É uma representação da circulação interna do dinheiro e dos bens, sem absorção de materiais e sem liberação de resíduos. Ora, se a economia não gerasse resíduo e não exigisse novas entradas de matéria e energia, então ela seria o sonhado moto-perpétuo. ”

A economia convencional concentrada no fluxo circular monetário, esquece do fluxo metabólico real, pois toda a vida econômica se alimenta de energia e matéria de baixas entropia, contradizendo a mais básicas ciências da natureza, a física, os metabolismos constituem o elemento base que sustenta a complexa teia de interações necessária à vida.

A importância da ideia de metabolismo socioambiental, que capta os fundamentos da existência dos seres humanos como seres naturais e físicos, com destaque para as trocas energéticas e materiais que ocorrem entre os seres humanos e seu meio ambiente natural (CECHIN e VEIGA 2009)

É chamada entropia produzida a relação entre a energia desperdiçada ou perdida, na qual é utilizada para realizar trabalho, segundo os autores, a economia convencional não reconhece os fluxos da matéria e energia que entram e saem do processo, assim como a diferença qualitativa entre o que entra e o que sai, essas transformações qualitativas “promovidas pelo processo econômico tem direção no tempo e são irreversíveis”.

O sistema produtivo transforma matéria-prima em produtos, que a sociedade valoriza, e gera algum tipo de resíduo, que não entra de novo na cadeia. Se a economia capta recursos de qualidade de uma fonte natural, e depois devolve resíduos sem qualidade à natureza, então não é possível tratá-la como um ciclo isolado (CECHIN e VEIGA 2009).

O fundamento central da economia ecológica, não se refere portanto a alocação de recursos ou a repartição da renda, grandes problemáticas do pensamento econômico, mas sim ao um terceiro fundamento, na qual muitas vezes é desprezados nos estudos do tema, a abordagem do tamanho físico da economia em relação ao ecossistema que está inserida, pois

para a economia ecológica o “aumento físico do subsistema econômico passa a custar mais do que o benefício que pode trazer ao bem estar da humanidade” (CECHIN e VEIGA 2009).

Pois, todavia, nas cadeias produtivas o fluxo de entrada estão a energia e os materiais advindos diretamente ou indiretamente da natureza, onde no fluxo de saída são transformados em resíduos e poluição.

Os efeitos sinérgicos, ou seja, a interação de dois ou mais fatores, que causam um efeito muito maior do que o verificado por cada um se ocorressem individualmente, estão presentes em todos os aspectos da vida humana, dessa maneira devemos compreender o sistema econômico não apenas pela degradação que ele traz aos ecossistemas, mas também perceber a nossa relação com o sistema imposto.

A relação de dádiva, na qual Mauss (2003) discorre em suas pesquisas, são existentes na essência humana desde as eras primitivas, os presentes que interligam a rede humana, para ele estariam interligadas em “três obrigações: dar, receber e retribuir” (MAUSS 2003. pp. 200 e 243 Apud SABOURIN 2008).

Segundo (LINS E PIRES 2003) “na relação de dádiva, o vínculo é mais importante que o bem”. O valor sentimental que temos com determinado “bens” muitas vezes tem uma importância maior do que o valor de uso ou valor de troca, o vínculo gerado ao se compartilhar a dádiva, não consegue ser suprido pelo valor econômico.

A dádiva é muito mais do que uma simples maneira de troca, ela remete ao compromisso da essência do amor no homem, na lição do compartilhar, de querer ao próximo o mesmo que queremos a nós, de empatia a situação do outro e a consciência de comum - unidade.

A expressão moral da dádiva-troca utilizada por Mauss, segundo (SABOURIN 2008) “cria um laço de energia espiritual entre os atores da “dádiva-troca” e que se diferencia da troca mercantil, na medida em que associa uma moral, um valor ético, à transação econômica”.

Pois quando acumulamos riquezas em uma sociedade desigual, não se consegue gozar dos plenos benefícios que o acúmulo de capital pode trazer, fica-se ilhado dentro da

comunidade gerando gastos com a segurança dos bens. A vida muitas vezes é menosprezada em prol do dinheiro, enquanto as formas de trocas para o homem ocidental não serem relacionada a questões morais- espirituais, não iremos atingir o desenvolvimento fraterno na comunidade.

A consciência de consumo é importante e muitas vezes a temos, porém, o desejo de consumo é mais motivador, consumimos diariamente a todo o momento. O que desejamos consumir muito tem a ver com o nosso estado de espírito e afirmação indenitárias, pois consumir muitas vezes gera a sensação de calma, segurança e alegria, “suprindo” outras práticas integrativas, como a reunião com amigos ou a celebração das conquistas já alcançadas.

(MAUSS 2003 Apud SABOURIN 2008), descreve essas relações existentes em outras sociedades antigas “trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas (p. 212). ” Hoje nas sociedades modernas, o material, o espiritual e o afetivo estão muito bem separado, descreve as “oferendas mútuas: Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens, riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, danças, festas. ”

É possível ainda vê esse tipo de trocas no mundo contemporâneo, por exemplo quando vamos ao um restaurante, não trocamos o dinheiro apenas por uma refeição para saciar a fome, queremos ser bem tratados e um ambiente seguro, limpo, confortável, o grau das trocas vão muito além do que o mero capital, são subjetivas através das relações de afetos e trocas concretas.

(MAUSS 2003. p. 263 Apud SABOURIN 2008) afirma que “as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros”. Muito além de dever no sentido de obrigação, é ser grato ao que lhe foi dando, retribuindo direta ou indiretamente esse “respeito” sobre aquilo que chega até você.

Durante a história da evolução das trocas, as comunicações entre os homens ocorriam ao mesmo tempo entre o material e simbólico, seriam trocas de bens e comunhão entre os

seres, assim as trocas fazem parte da natureza humana, como a tendência do agrupamento social, o fortalecimento das ações comuns e a divisão de tarefas entre os povos. Por isso segundo (SABOURIN 2008) “dávivas devem ser obrigatoriamente devolvidas, pois existe essa universalidade da retribuição”.

As dávivas vão e voltam sempre. Pouco importa seu valor, pouco importa sua natureza; podem ser idênticas ou não; o importante é que recorram caminhos, inversos ou simétricos, que elas se reproduzam como num espelho; e esta reflexão é o motor oculto dos seus movimentos, inclusive quando são aparentemente livres e gratuitas (TEMPLE e CHABAL, 1995, p. 73, Apud SABOURIN 2008).

A reciprocidade supõe uma preocupação pelo outro, como (SABOURIN 2008) a traduz, “não se pode estar inquieto do outro sem se preocupar com suas condições de existência.” Tais preocupações segundo o autor transforma-se em “hospitalidade, dádiva de alimentos e víveres, proteção, ou seja, motivos ou obrigações para produzir.”

O autor ainda complementa que tal preocupação, representada pela reciprocidade em dar, receber e retribuir é capaz de “produzir valores afetivos ou éticos como a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua. No entanto a reciprocidade não quer dizer sempre igualdade.”

A reciprocidade e a gratidão e a generosidade, são valores nobres, e não se limita apenas às relações de trocas materiais dos seres humanos, como já dito anteriormente fazemos trocas constantes com os ecossistemas que nos rodeiam, então que essa reciprocidade, em dar, receber e retribuir, comunicada através do material, espiritual e afetivo, estenda-se a natureza, sejamos gratos e recíprocos por tudo o que ela nos permite.

Retribuindo em nossas trocas, não somente os valores equitativos dos bens, mas o que há de mais nobre em nossos corações, como Francisco de Assis por volta de 1200 escreveu fazei que eu procure mais consolar do que ser consolado, compreender do que ser compreendido, amar que ser amado, pois, é dando que se recebe.

Apesar de valores tão nobres, esse novo caminho econômico, não é simbologia de caridade e sim de igualdade entre os povos, (SINGER 2007) define como característica central da economia solidária “um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela

igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles”.

O (Atlas de Economia Solidária do Brasil, 2005) compreende “como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária.

É uma outra forma de realizar as atividades econômicas e de se organizar diante ao mercado, por meio de quatro principais características, que são complementares e não funcionam isoladamente, entretanto para que possamos entender um pouco mais vamos nos aprofundar nas categorias de cada uma delas. O Atlas da Economia Solidária no Brasil (2005) define as quatro características representadas pela, autogestão, cooperação, solidariedade e atividade econômica:

Cooperação: Existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidades solidária diante das dificuldades.

Autogestão: Exercícios de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses.

Atividade Econômica: Agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.

Solidariedade: Preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida dos participantes. Comprometimento com o meio ambiente saudável e com a comunidade, com movimentos emancipatórios e com o bem-estar de trabalhadores e consumidores.

Figura 2.1 Características da Economia Solidária.



Fonte: Atlas da economia Solidária no Brasil 2005.

Esse novo modelo econômico, muitas vezes também denominado como economia popular solidária, surge da demanda das alternativas de vida econômica e social, a reconstituição progressiva da vida individual e coletiva, gerando cidadania popular. O trabalhador e as formas de trabalho são a questão central para a diferenciação dos modelos convencionais.

Na autogestão toda ação é gerida pelos próprios trabalhadores, de forma democrática e horizontal, não possui distinção importante de funções, todo mundo faz o que precisa. Os que desempenham funções de responsabilidade não tem autoridade sobre os demais, todos são colaboradores mútuos, combatendo a alienação do trabalho mecanicista, todos podem exercer todas as funções, em sistemas rotativos. Ao contrário do capitalismo, na economia solidária todos têm a capacidade da tomada de decisão de ser seu próprio chefe.

A maioria é destituída de poder porque deve ter menos capacidade. Esse raciocínio se sustenta no pressuposto de que numa economia de livre mercado os ganhadores na competição “têm” que ser os melhores, exatamente porque o mercado é livre, aberto a todos desde que tenham capital (SINGER 2007).

Porém muitos são excluídos por não ter capital, de acordo com (SINGER 2007) as pessoas que não tem capital ou poder, tem tarefas (serviços), muitas tarefas, poucos diferentes, podendo passar a vida inteira realizando as mesmas tarefas, “o que é profundamente alienante do ponto de vista do desenvolvimento humano. O trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção. ”

Assim, uma das suas consequências é que o coletivo de trabalhadores ao gerirem seus próprios negócios resguarda-se de seus direitos, tornam-se proprietários de tudo que é produzido, incluindo os prejuízos, isso faz com que as pessoas se empoderem de seus instrumentos de trabalho.

Podemos muitas vezes associar a economia solidária como um recurso destinado às pessoas excluídas da lógica do capital, sobretudo os mais pobres, tentando reparar os malefícios da lógica do mercado, como (SINGER 2007) relata “é a razão de seu crescimento muito vigoroso. Ela tem uma função social; está efetivamente inserindo as pessoas na produção e na vida social. ”

Porém não se limita apenas isso, “ela propõe uma outra economia, uma economia desalienante” (idem), sendo buscada tanto por camponeses e artesãos como aos profissionais universitários, artistas, cientistas, etc. A opção de se optar por alguma organização associativa autogestionária, gerida por pessoas com vínculos afetivos sempre existiu, desaparecendo a compulsão econômica, as pessoas poderão escolher.

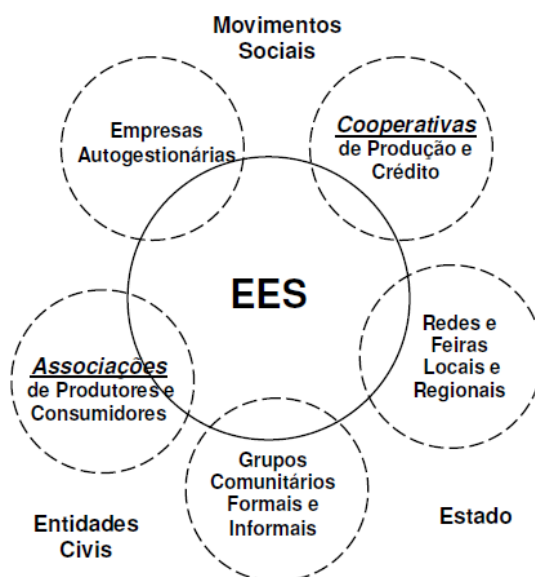
As chamadas economia popular solidária (EPS), é o caminho que mais se assemelha, com os ideais e as práticas concretas da Feira Solidária e Ecológica (SolEco) pois é uma economia centrada na agricultura familiar com interesse na geração de renda coletiva, como melhor explica (MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS 2008) “construída de forma organizada e participativa, gera inclusão social e qualidade de vida, tendo como base a solidariedade, o respeito a natureza e a valorização das relações sociais. ”

Segundo os autores, as EPS valorizam a economia de subsistência, a divisão equitativa de renda, construção do preço justo e o resgate cultural, tendo como objetivo a agroecologia, a compreensão, a ajuda mútua, o trabalho coletivo e o desenvolvimento sustentável, visando sempre os benefícios da população como um todo.

Constitui-se como um campo filosófico, político, social e econômico, respeitando e priorizando os interesses dos trabalhadores, é baseada em valores de cidadania, construção coletiva e processos de aprendizagem, segundo (MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS 2008) tem como expressões. “As feiras livres, a compra coletiva de produtores e terras, os trabalhos comunitários, as trocas de serviços, a venda direta ao consumidor, o uso de embalagens não poluidoras e os mercadinhos de agricultores”.

É necessário a quebra de paradigmas com a cadeia produtiva do caminho dos alimentos, tratando a nossa dependência aos supermercados e criando novos caminhos para a comercialização. A criação de redes externas e internas que se associam as esferas societária fortalecem o movimento da economia solidária no Brasil.

Figura: 2.2 Empreendimentos de Economia Solidária



EES - Empreendimentos de Economia Solidária.

Fontes: Memória Agroecológica nº 1 - Agroecologia e Economia Popular Solidária. Diamantina 2008.

Os atravessadores são os violões da atualidade, definem a lei da oferta e demanda controlando o preço, muitas vezes ficam com mais lucro (ou excedente) que o produtor que teve os custos de produção. Esse segundo (MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS 2008) “conseguem colocar produtos vindos de longe mais baratos que aqueles do município onde moramos” graças a exploração da mão de obra, pelo baixo preço do recurso e a produção em série pela indústria.

Entretanto como os autores relatam “o preço mais baixo é competitivo, porém a competição é desleal” o pequeno produtor muitas vezes encontra a matéria prima já no custo de mercado, os processos de produção são muitas vezes manuais e artesanais, demandando tempo e trabalho, por fim os meios de comercialização demandam custos e estruturas, como o transporte, a alimentação e o local de venda.

A cultura do capital estar enraizada na sociedade brasileira, muitas vezes pelas chamadas “facilidades” de acesso ao produto que ele proporciona, as trocas de agricultores para

agricultores, sempre existiram, como Memórias Agroecológicas (2008) dá o exemplo, as trocas dos produtos produzidos como a rapadura, cachaça, toucinho e milho sempre existiram, porém com a chegada dos produtos originados dos “grandes”, os cortadores de cana substituíram o toucinho pelo óleo de soja e a rapadura pelo açúcar cristal, ambos comprados nos mercados da cidade.

Os autores afirmam que “o primeiro desafio da comercialização começa em casa. O município tem que perceber a importância da agricultura familiar para a geração de empregos e apoiar esse segmento, ” Os caminhos pedagógicos da conscientização do consumidor, move-se atrelada a formação do agricultor para as “exigências do mercado, referentes a questões de qualidade do produto, higiene, rótulos, procedência, sanidade” e o compromisso com os produtos oferecidos.

Nas Eps as pessoas que realizam a produção, devem ser respeitadas e ter autonomia, assim como os processos de produção que não devem degradar a natureza, os meios de comercialização devem fortalecer a economia local e a agricultura familiar, respeitando a cultura popular local.

Outro instrumento fundamental é a conscientização da formação de preço, é preciso ter claro o custo de produção e a valorização do trabalho, este é um campo delicado já que a maioria dos preços que chegam até o consumidor, já são formados pelo mercado.

Essa nova forma de relacionamento com as pessoas e o meio que nos cerca, repensando nosso trato com os aspectos econômicos, alimentícios, educacionais, motivacionais, faz parte do desenvolvimento e evolução humana, não só condicionada pela segregação dessas categorias, mas entendendo o conjunto da unidade inseparável que nós somos, resgatando o desenvolvimento do humanismo, entendendo o que são nossas emoções, nossos sentimentos, nossa ancestralidade e vínculo com o planeta.

3 SOLECO - RELATOS DA FEIRA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA.

“Tinha uma vendinha no canto da rua

Onde o mangaiero ia se animar

Tomar uma bicada com lambu assado

E olhar pra Maria do Joá”

SIVUCA (1979).

O Ateliê de Artes Livres, Economia Solidária e Ondas Comunitárias, CalangArte+ é um projeto extensionista de pesquisa-ação da Universidade de Brasília, localizado na Faculdade UnB Planaltina (FUP). Está vinculado às atividades regulares da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Neder.

Como Neder e Marques (2016) descreve, “as ITCPs fazem o fomento para criação de microempreendimentos tendo como referência ambientes populares destinados à geração de qualificação e formação profissional, renda e trabalho”.

O projeto gira em torno de 4 eixos temáticos; agroecologia, como um novo modelo de se viver; artes livres pela manifestação cultural e expressão do ser; educação popular, como metodologia de libertação e economia solidária em respostas ao regime sociotécnico imposto através dos hábitos de consumo, sistema alimentar, relacionamento social e as relações econômicas.

Foi criado a partir de um coletivo estudantil (ALCA), que surgiu como movimento alternativo de representação, formado por graduandos dos cursos de gestão ambiental, ciências naturais e licenciatura em educação do campo. Uniu-se para diferentes mobilizações, entre elas sarais culturais, batalha de rap e ocupação de espaços coletivos.

Assim puderam perceber a magnitude positiva que as vivências, trocas e tais transformações culturais traziam nas relações da comunidade interna e externa do campus. Após a ocupação da FUP no final de 2016, o coletivo observou a necessidade de se legitimar como projeto de extensão, com apoio do professor Neder, realizou seu cadastro no SIEX em maio de 2017.

O Calangarte+ busca o resgate dos saberes populares, a autonomia e formação de multiplicadores, a criação de redes de colaboração afetiva, e a mudança comportamental para práticas de integração equilibrada com o meio socioambiental. Consolidou-se materialmente através da doação de colaboradores e a partir de técnicas criativas de redução e reutilização, do que estava disponível no local.

O projeto tende a criação de espaços para práticas ou experiências que reflita os seus ideias, suas atividades englobam mutirões de bioconstrução, reciclarte, aulas de violão para os jovens da comunidade, a coleta e plantio de sementes do cerrado, contribuindo para a recuperação de áreas degradadas da universidade, entre outras atividades holísticas.

A Feira Solidária e Ecológica (SolEco) foi a primeira atividade proposta do CalangArte+ no campus da FUP, iniciando no mês de junho de 2017, fruto do esforço coletivo, a feira tem os princípios da economia solidária, entre eles a autogestão e a estrutura vertical, ou seja, cada integrante é capaz de cooperar e gerenciar a realização das etapas, incentivado pela rotatividade das funções.

Os expositores são orientados para o empoderamento dos processos de aprendizagem da construção da feira, onde eles sejam os mediadores da realização, não apenas expondo seus produtos, como também contribuindo na formação e consolidação de um espaço, que favoreça a inteligência coletiva, livre e partilhada.

Os integrantes do projeto CalangArte+ auxiliavam nas atividades antes, durante e após as edições, nos processos de divulgação, no contato das redes de expositores,icineiros e artistas, na estruturação e decoração do local, nos ofícios burocráticos juntos a universidade e no recolhimento de tudo ao encerramento das atividades.

Éramos 8 membros para a colaboração na realização da SolEco, 6 graduandos em Bacharel em Gestão Ambiental e 2 em Licenciatura em Educação do Campo, algumas vezes fazíamos rotação nas tarefas das edições, cada um contribuía com o que se tinha mais facilidade.

A feira tem o preceito que todos os produtos a serem comercializados devam ter a produção na qual causasse o menor impacto possível ao meio ambiente, todos os alimentos

eram de origem agroecológica, os artesanatos tinham por base o extrativismo de sementes, madeira, e pedras, como também a utilização de linhas e fios, todos de origem de habilidades manuais.

O comércio de produtos de segunda mão, como livros, roupas, sapatos e utensílios também é uma prática adotada, outro ponto importante é a exposição dos produtos que devem ser realizados pelos próprios produtores ou coletivo representante, aproximando a relação de quem fabrica com quem compra, evitando assim os atravessadores.

A SolEco não se limitou apenas em ser um canal de comercialização de produtos agroecológicos e artesanais, mas também propor mudanças de paradigmas a comunidade da FUP, onde o consumidor e o produtor convivam e interaja, criando assim uma cultura de consumo consciente, pelo apreço e a solidariedade e não apenas pelo preço.

Sua prática não salientava apenas o lucro das atividades, mas sim a experimentação e processos de aprendizagem que estão presentes em todas as partes, isto não quer dizer que o rendimento financeiro não era importante, pois todos os expositores também ansiavam por isso, porém as esferas do ambiente foram tão mais amplas e agregadoras, que as pessoas participaram por se sentirem bem, para aprenderem a comercializar e abrir caminhos para novas parcerias.

Idealizado como um espaço de trocas não apenas materiais, como também de saberes e fazeres, de valorização da cultural local, agente de saúde mental e bem-estar, gerando cooperação e autoconscientização.

A feira propiciou o acesso de produtores da agricultura familiar, artistas e artesãos locais, como também pessoas que buscam formas alternativas de geração de renda aos canais de comercialização. A comunidade acadêmica e região ao acesso a alimentos sem veneno com o preço justo, a espaços de convivência, de integração social e a formação de multiplicadores.

A construção desses espaços de convivência e integração social, foi de carácter muito importante no período da SolEco, já que o espaço destinado aos centros acadêmicos (local para o coletivo de estudante de graduação) estava em processo de desapropriação pelos

diretores da unidade de ensino, e diante as pressões que atuam no meio acadêmico é muito importante que as pessoas tenham um ambiente onde possam debater e expor seus sentimentos, ideias e pontos de vista.

De caráter agroecológico, artesanal, sustentável, cultural e solidário, a feira SolEco abrangeu 11 edições, ocorrendo as terças-feiras, das 11:00hs às 19:30hs, no campus Faculdade UnB Planaltina, geralmente com a periodicidade quinzenal, acontecendo de junho de 2017 a maio de 2018, teve em maioria de suas edições temas, oficinas e apresentações.

Sua implantação aconteceu de forma gradual, foi preciso alguns meses de organização e planejamento, o primeiro passo foi a criação das redes de expositores e colaboradores, fator muito importante para a realização em conjunto aos processos das labutas burocráticas, como autorizações e infraestrutura.

A união e a cooperação entre os membros do projeto, foram fator determinante para a realização, no início pensávamos em expor as artes produzidas pelo Ateliê de Artes Livres e realizar trocas no bazar de roupas e sapatos, o que fosse arrecadado ficaria para o fundo econômico do projeto, podendo assim patrocinar futuras oficinas.

Logo o desígnio da feira ganhou grande repercussão, muitos apoiaram a ideia de fortalecimento deste novo canal de trocas e vendas, em conjunto com a artes musicais, visuais, plásticas e cênicas. As pessoas foram se apropriando dos processos de produção e as teias de comunicação se expandiram.

No início não tínhamos muitos recursos além da força de vontade, a reutilização dos materiais, como banners antigos e pedaços de papelão possibilitou a ornamentação e sinalização do espaço. Como não dispúnhamos de barracas ou bancas a exposição dos produtos aconteciam nas mesas disponível da universidade.



Figura 3.1 Placas de Sinalização e primeiro banner do Calangarte para a feira SolEco.

Fonte: Própria Autora. (2017)

O banner acima é descrito pelas seguintes palavras:

“O projeto de extensão CalangArte + é voltado para a produção autossustentável, com a integração da comunidade, trabalhador@s e estudantes da FUP/UnB e entorno.

Baseados em novos paradigmas de produção e consumo, a intenção flui no sentido do resgate cultural, com a ressignificação das tradições populares, trocas de vivência para emancipação e autonomia, visando a qualidade de vida. Utilizando matérias disponíveis no local, reutilizados e reciclados e materiais naturais.

A Feira SolEco, Solidária, Ecológica, Agroecológica, artesanal e Cultural, com foco na autogestão e na economia solidária, tem como objetivo fortalecer o comércio justo, ação coletiva, a produção local, artesanal e orgânica, propagando o conhecimento e mudança de paradigmas. ”

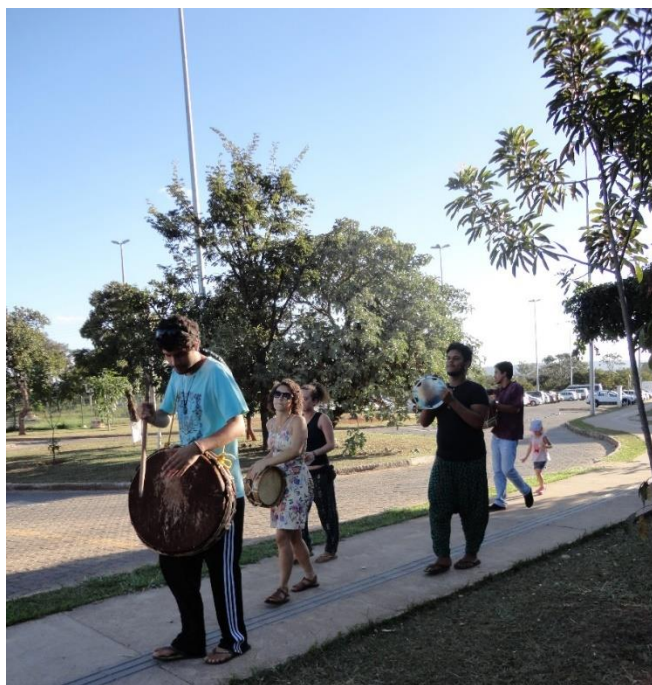
O local escolhido para a atividade foi pensado em conjunto dos representantes do CalangArte e os parceiros, escolhemos a praça Rebendoleng, que possui em seu centro um pé de pequi (*Caryocar brasiliense*), árvore nativa simbólica do bioma cerrado, onde pudemos aproveitar a sombra na maior parte do dia.

A praça tem formato circular e está localizada no centro do campus, sendo local de passagem de pessoas e carros entre os prédios de formação e a entrada do estacionamento, a

localização tinha como objetivo viabilizar e atrair a comunidade externa, discentes, docentes, técnicos e terceirizados.

A feira tinha o propósito da ressignificação de alguns hábitos culturais, incluindo a reutilização e o descarte de matérias, para a divulgação não usamos panfletos ou qualquer tipo de marketing que gerasse resíduos. Além das mídias eletrônicas, saímos em forma de cortejo, com instrumentos musicais e o grito de guerra “ Vem para a feira vem” para anúncio da inauguração e chamada da comunidade.

Figura 3.2 Cortejo de Chamada para a Feira.



Fonte: Autoria própria (2017).

A criação das redes colaborativas, teve muito significado para a prática, no início, tínhamos apenas os expositores amigos, colegas ou conhecidos dos membros do projeto. Os integrantes das redes chamaram não só outros expositores como também colaboradores e frequentadores, formando assim uma rede comércio solidário movida a cooperação, conseguimos realizar as 11 edições.

Neste capítulo iremos relatar as edições ocorridas, sintetizando a formação das redes colaborativas; expositores,icineiros e artistas, descrevendo a variedade de artigos ofertados

para que se consiga trazer a ideia da composição dos elementos da SolEco, diante do desafio da comercialização no ambiente universitário.

O objetivo de relatar os produtos ofertados, é a possibilidade de observar que a criação do imaginável que a feira não prosseguiu devido à falta de expositores ou produtos oferecidos, parecendo para alguns uma “feira pequena”, ou “feira de pobre”, é inexata. Por mais que não tivéssemos muitos expositores, a variedade de alimentos e artesanatos foi satisfatória.

Outro panorama sobre a diversidade dos alimentos, se dá devido a agroecologia ser uma prática baseada no incentivo da agrobiodiversidade, estimulando a variedade dos cultivos, possibilitando assim um só agricultor, cultivar plurais fontes nutricionais.

Na feira soleco pode-se encontrar produtos agroecológicos e culinários, artesanatos para uso pessoal e decorativo, bazar e brechó de roupas, sapatos, livros e acessórios, fitocosméticos, sementes e mudas decorativas, um canal para doações de resíduos sólidos específicos e de cultura local.

3.1 A INAUGURAÇÃO

Estreou no dia 6 de junho de 2017, inaugurando a abertura do galpão do ateliê de artes livres. Começou as 11 horas, na praça Rebendoleng, com a movimentação do sol algumas áreas ficaram expostas, se estendeu até as 19:30, para que estudantes do período noturno também pudesse participar, porém o espaço não contava com luz e muitos expositores ficaram a luz de velas, o que não impediu que os frequentadores continuassem a interagir e observar.

O fluxo de pessoas na parte noturna foi mais intenso do que no período da manhã, acredita-se que devido a chegada de professores e estudantes de Gestão Ambiental. Porém com o horário alongado em comparação a outras feiras, pode-se observar algumas dificuldades.

A primeira relacionada a alimentação dos expositores, como começava às 11 horas, o almoço e o lanche da tarde ficava por conta dos mesmos, e muitas vezes o gasto com a alimentação era maior do que os ganhos recebidos durante a atividade. Outra dificuldade palpável era o transporte, muitos expositores vinham da área rural e o transporte de ida e volta, junto a alimentação, representava um alto custo.

Nesta edição contamos com 4 expositores, alguns começando a produção e a prática de comercialização, sem muito investimento traziam o que era possível produzir ou beneficiar. As mesas de exposição eram decoradas, na intenção de deixar a feira atrativa, a chamada para novos expositores era constantemente feita nos veículos de comunicação virtual.

Um dos nossos primeiros parceiros foi a APROSPERA, (Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu), segundo (GRAMACHO 2018) “é uma associação que reúne agricultores, dos assentamentos Oziel Alves III, do Núcleo Rural Pípiripau II, da Taquara e região, não representa um conjunto de assentados, no entanto contém 42 associados”.

Foi representada pelo agroecólogo, Francisco Delano e nossa parceira Juliana de Assis, egressa da Fup, os dois nos acompanharam desde a concepção da iniciativa da feira, fazendo a confluência entre os produtores dos assentamentos próximos ao campus, como o Oziel Alves e o Roseli Nunes.

Neste dia trouxeram produtos de produção própria e de alguns associados, como hortaliças; alface lisa, crespa e roxa, rúcula, couve, temperos como manjerição, pimenta e cheiro verde, conservas de cenoura, abóboras, molho para salada, desodorante natural de alecrim e roupas de neném customizadas para o bazar.

Os preços praticados eram populares, apesar de ser agroecológico a maioria dos alimentos custavam R\$ 3,00 o maço, as conservas variavam de R\$ 10,00 a 15,00 e as roupas do bazar estavam disponíveis também para a troca.

Figura 3.1.1 Mesa de produtos expostos pela Apropera na 1ª feira.



Fonte: Autoria Própria.

Outro expositor parceiro é o artesão Diogo Mulungu, morador da cidade de Planaltina-DF, o conhecemos pela primeira vez no aniversário da FUP no ano de 2015, a ALCA ministrou oficinas de filtro dos sonhos e mandalas gregas. Mulungu, que é artesão a muitos anos, gostou muito da ideia e se dispôs a realizar uma oficina de macramê, definida por (STUMP 2018) como “a arte de trançar fios com nós, de tecelagem extremamente manual, criando desenhos geométricos”.

Quando inauguramos o ateliê em 2017, Mulungu dou material para a confecção de brincos e acessórios que não usava mais. Seu nome deriva de árvore chamada *Erythrina Mulungu*, Segundo (Lopes 2018) é uma planta medicinal muito eficaz no tratamento de problemas psicológicos, relacionados com o estresse, histeria, neurose, ansiedade, agitação, depressão, devido às suas propriedades antidepressivas, hipnótica, sedativa e tranquilizante.

As artes de Mulungu trabalham a paciência e a calma, o foco e a atenção, respirando detalhe a detalhe, a suavidade e leveza que suas obras representam, de forma tão natural quanto as sementes e pedras utilizadas. Foi um dos expositores mais frequentes das feiras, expondo brincos, pulseiras, anéis, colares e filtros dos sonhos, sempre contribuiu com sua presença e de seus amigos no fortalecimento da realização.

Um importante agente nas redes colaborativas, na 1ª SolEco trouxe a participação do morador da cidade de Sobradinho-DF o sociólogo, Rodolfo Brandão, esse na 3ª edição se ofereceu para ministrar a oficina de origami e kirigami, depois disso participou de mais 6 edições com sua companheira Renata Dias, moradora de Planaltina, artesã linhas, produzia bolsas, casacos de frio, cachecol e toucas feitos a partir da técnica de crochê e tricô.

Mulungu, também chamou a participação do artesão de pulseiras em couro e sementes Rodrigo, que expôs na 8ª e 9ª edição e o músico de Planaltina, Glenner Cavalcante, que cantou músicas populares brasileira na 4ª edição.

Exclusivamente nesta edição contamos com a presença de Aldenora representante do Santuário dos Pajés, “território indígena sagrado dedicado à comunhão, à preservação e à difusão da ancestralidade indígena” (MEMÓRIA E INVENÇÃO 2018) resistindo a especulação imobiliária no Noroeste de Brasília.

Expondo variados tipos de fitocosméticos, como sabonetes, repelentes desodorante, óleos essenciais, loções, cremes de cacau, baru, copaíba e barbatimão. Os fitocosméticos são cosméticos naturais feito a partir de extratos vegetais é uma prática exercida desde os tempos da antiguidade, praticamente inserida em todas as culturas e civilizações, como fonte medicinal, nutricional, cultural e estética.

A permanência de Aldenora, não se consubstanciou devido às dificuldades e os custos para se chegar até a Faculdade UnB Planaltina, pois o percurso inclui 4 ônibus no total. Além disso a prática da feira e da escolha dos fitocosméticos, ainda estavam se consolidando.

Figura 3.1.2 Aldenora representante do santuário dos pajés expondo fitocosméticos.



Fonte: Autoria Propria. (2017)

Nesta edição contamos também com a Feira Orgânica do Lago Oeste, representados pelos nossos parceiros Willian, graduando da FUP em gestão ambiental e sua companheira Cintia, ambos residentes na região de chácaras do Lago Oeste, um dos principais polos do DF a produzir alimentos consciente ao meio ambiente, devido a sua localização estar acima da APA de Brasília.

O casal é produtor da cerveja artesanal WILLCIBEER, trouxeram também outros produtos dos expositores do Lago Oeste, como ervas para chá, abacates, laranja, limão, capuchinha, geleias, pimentas, cream cheese temperados, biscoitos, frutas cristalizadas, compotas de doces e plantas ornamentais.

Figura 3.1.3 Produtos expostos pela Feira Agroecológica do Lago Oeste.

Fonte: Autoria Própria 2017.



Durante a feira tivemos a presença dos terceirizados da jardinagem e segurança da Fup, alguns estudantes que simpatizavam com a ideia e nos ajudaram e uns professores também contamos com a presença da comunidade local da Vila Vicentina.

A mesa CalangArte+ e Bazar Quântico, sempre esteve presente em todas as SolEcos, como ainda não tínhamos feito nenhuma oficina para arrecadar as artes para a venda, as integrantes do projeto Priscilla Castro e Maristela Soeira, decidiram expôr, roupas customizadas, porta incenso, pulseiras e colares feitos com variadas sementes, foi exposto também batatas doces e abóboras.

O Bazar é uma denominação das formas de mercado, (MCMILLIAN 2003) em seu livro *a Reinvenção do Bazar* descreve sobre a reconfiguração da prática “o que caracteriza a transição de mercado? A chave é a autonomia da decisão”. O bazar é uma prática que possibilita outras formas de consumo ligadas à indústria da moda, conhecida

contemporaneamente como “moda sustentável”, estando também presente na internet e no consumo elitista.

A prática de redução de consumo e reutilização de objetos como roupas, sapatos e acessórios de segunda mão, possibilita um canal de fluxo de troca, os objetos que não usamos, pode representar um objeto novo e proveitoso a outra pessoa. Um exemplo interessante é o bazar para neném, com o crescimento rápido as roupas se perdem facilmente, podendo ser trocadas para cada fase de crescimento, possibilitando assim que os progenitores não gastem tanto dinheiro com roupas com prazo de utilidade.

O bazar Quântico é representado pelo projeto CalangArte+, algumas roupas foram doadas outras customizadas, o bazar não tinha preço estipulado, assim pedimos que as pessoas dessem o preço de acordo com o que elas achariam válido, para incentivar a consciência do preço justo. Muitas pessoas sentiram dificuldade não conseguindo estipular um preço e muitas vezes não levavam o produto por esse motivo.

No início pensamos em realizá-lo apenas pelo meio de trocas, porém é difícil trocar objetos sendo que esses não são iguais, o que vale para mim, não vale para você, a subjetividade está atrelada ao valor material e ao apreço que se cria ao objeto, então decidimos realizar as trocas por meio da quantidade, ou seja troca-se 5 itens por 5 itens.

Nessa feira de inauguração a oficina escolhida foi a Mandala olho dos Deuses, ministrada pela gestora ambiental Heloísa Freire, produzida a partir de fios de lã, consiste em uma arte terapêutica, originados nas aldeias mexicanas, onde durante a gestação os pais teciam os fios, atraindo proteção e prosperidade para o bebê.

O manuseio dos fios trabalha o sistema psicomotor, concentração e a paciência. A oficina teve em torno de 10 pessoas, ocorrendo por volta as 16:00hrs, esteve presente discentes da Fup e comunidade externa, todas as mandalas produzidas foram levadas pelas autoras.



Fonte: Autoria Própria.

Figura 3.1.4 Bazar e produtos expostos pelo Calangarte e oficina de Mandalas na 1ª feira.

Na segunda feira tivemos um pequeno desajuste, fomos convidados pela direção a realizar a soleco junto a festa junina do campus, no intuito de cooperar e atrair mais público para as mesmas, começando às 11hrs as atividades ocorreram o dia inteiro, entretanto em uma quarta-feira, o que trouxe confusão para alguns frequentadores.

Apenas dois expositores puderam comparecer, os conflitos de datas fizeram desta feira mais singela, porém significativa para o nosso aprendizado, pois vimos a importância de estabelecermos a atividade em apenas um dia da semana.

Contamos com a presença da banca CalangArte+, expondo artes feitas de mandalas de Cd's reutilizados e sementes, customização de roupa e o bazar Quântico, produtos como limão e vinagreira (planta utilizada para chá) do acampamento renascer próximo a planaltina. É também dos representantes da Feira Agroecológica do Lago Oeste que chegaram por volta das 15hrs, trouxeram frutas cristalizadas, pimenta, geleias, abacate, cervejas artesanais e plantas ornamentais.

Os itens ofertados tinham preços populares e muitas das compras realizadas foram feitas pelos integrantes do projeto, pois essa edição teve baixo movimento de vendas. Entretanto o ambiente foi ornamentado com livros, sementes e mensagens, durante todo o dia passaram músicas de são joão, como o forró, xote, ciranda, entre outros ritmos brasileiros.

Muita das pessoas foram ao espaço pelo ambiente que se criou com músicas, conversas e apreciação, onde os frequentadores não iam só consumir, mas também estar presentes, lendo, conversando, interagindo em um ambiente agradável. No fim da tarde com a entrada da festa junina, chegaram mais pessoas a procura da cerveja artesanal.

Figura 3.1.5 Os dois expositores da 2ª SolEco





Fonte: Autoria Própria

3.2 3ª, 4ª E 5ª EDIÇÃO DA FEIRA SOLECO.

Figura 3.2.1 Arte de divulgação das 4º e 5º edição.



Fonte: Arte produzida por Priscilla Castro. Acervo Calangarte. (2017)

Nestas edições das feiras cresceram o número de expositores e visitantes, as pessoas estavam empolgadas com a realização, a maioria das três edições contaram com expositores, oficinas e apresentações, todas as atividades foram feitas de modo colaborativo e ocorreram no mês de agosto e setembro de 2017.

O local onde as duas primeiras edições ocorreram, praça Rebendoleng, foi espaço da vivência em bioconstrução orientada pelo permacultor Geraldo Hermes com a proposta de

reformatar os bancos de hiperadobe por causa das intempéries, sendo preciso alocar os expositores ao lado do prédio de unidade de ensino e pesquisa, tivemos dificuldades em relação ao sol, nos deslocando de acordo com a sombra.

A terceira edição ocorreu no dia 22 de agosto de 2017, terça-feira, após o período de férias, retornamos com vigor e entusiasmados, contamos com a presença de 7 expositores, entre eles a banca CalangArte+, com artesanatos Gaia flor, o bazar Quântico com roupas, sapatos e livros e a doação de cabaças e sementes.

Na área de artesanatos tivemos o Diogo Mulungu, e seu amigo Rodolfo com a oficina colaborativa de Origami (arte secular japonesa de dobrar papel geometricamente criando representações de seres ou objetos), cerca de 15 pessoas participaram, sendo estudantes e crianças, diferentes dobraduras foram ensinadas, os materiais foram levados pelo próprio instrutor: papéis coloridos e tesouras.

Também tivemos a presença da boliviana Saret, nas três edições, sua arte são esculturas de árvores e insetos feitos a partir de missangas, pedras e fio de cobre, ela ficou sabendo da feira pelas redes sociais. A partir da 4ª SolEco contamos com a presença da expositora Renata com crochê e tricô e artesão morador do acampamento Renascer, Willians.

Nesta edição estreamos com o EcoPonto, ponto de coleta de resíduos específicos, destinados a transformação em arte, tecnologias sociais e utilidades, reaproveitando garrafas pet, de vidro, embalagem tetra pak, pneus, CD, tintas e roupas antigas, evitando assim que o material virasse lixo e incentivando a destinação adequada.

Expondo alimentos tivemos a presença do graduando em gestão ambiental e técnico agrícola, André Carvalho, em todas as três edições ele trouxe algumas hortaliças como, alfaces roxa e crespa, cebolinha, coentro, rúcula, espinafre, tomatinho, ovos de galinha e codorna tudo produzido por ele mesmo em parceria com um amigo.

André ministrou uma oficina de isca de abelhas na 5ª Soleco, os materiais utilizados foram: garrafas pets, caixas tetra pak, sacos de lixo grande (preto) e papelão provenientes do Ecoponto, ele também utilizou resina de jatobá e explicou sobre a prática da meliponicultura, abordando o processo de floração e enxameação das abelhas, além de ensinar como fazer uma armadilha para meliponas.

A isca de abelhas ajuda na preservação de espécies nativas (como a Jataí) e pode ser uma fonte alternativa de consumo e renda, a partir da produção de mel, própolis, pólen e cera. Teve 4 participantes, dentre eles estudantes de Gestão Ambiental da FUP/UnB e uma estudante de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Planaltina.

A Apróspera também esteve presente, trazendo couve, brócolis, tomate cereja, alface, repolho, pimenta, manjerição, tomilho, molhos, rabanete e mandioca, na 4ª feira dividiu a mesa com o Willian, que dessa vez trouxe apenas a sua produção de cerveja artesanal, Willcibeer.



Figura 3.2.2 Novo local da realização da atividade.

Fonte: Acervo Calangarte.2017



Figura 3. 2.3 Oficina de Origami, na 3ª Edição da SolEco.

Fonte: Autoria Própria. 2017



3.2.4 Mesa de produtos exposto pelo estudante de Gestão Ambiental André e a oficina de isca de Abelha.

Fonte: Autoria Própria



Figura 3.2.5 – Alguns artesanatos da 3ª, 4ª e 5ª Edição.

Fonte: Autoria Própria 2017.



Figura 3.2.6 Local do EcoPonto e a mascote Reciclota.

Fonte: Idem 2017

Pela primeira vez contamos com a presença do acampamento da reforma agrária Roseli Nunes localizado aos arredores de Planaltina, de acordo com (GONÇALVES 2017) “o acampamento, é composto por cinquenta e cinco famílias que pleiteiam cerca de 240 hectares para a produção agroecológica de alimentos, reflorestamento e agrofloresta”, se organizou para rotacionar um representante do grupo, para expor em cada dia da feira, trouxeram produtos como mandioca, maracujá, berinjela, jiló, couve, alface, rúcula, coentro e cebolinha.

O acampamento participou de 4 feirinhas, eles também relataram que devido a periodicidade das feiras, os agricultores tiveram que se planejar em relação ao plantio e ao fornecimento dos produtos, nem sempre tinham alimentos para vender e nós alertamos sobre as dificuldades devido a falta da alimentação.

Contamos com os Fitocosméticos Vivá, feitos por Isabela Ferreira graduanda em ciências naturais na Fup, expondo sabonetes de barbatimão, repelentes, desodorante, cremes corporais e labiais. Ela tinha aula no período da tarde, muitas vezes não podendo estar presente para expor, íamos nos ajudando.

A presença do Brechó Vênus, organizado pela gestora ambiental Clara Sales, aberto também a trocas, o brechó trouxe, grande acervo de livros, onde as pessoas podiam lê durante a feira, trocar e comprar, roupas, acessórios e utensílios.

Como proposta de outros meios de comercialização, não só focado na venda como também na saúde mental, física e integral de seus frequentadores, é considerado o ser humano, integrado, multidisciplinar e holístico. Por este motivo se faz importante sempre estarmos realizando junto a comercialização, oficinas e apresentações artísticas, a celebração é muito mais que divertimento para os homens, é um traço cultural presente desde a antiguidade em diferentes culturas, celebrar as conquistas é uma maneira de fortalecimento.

Ao fim da noite vivenciamos o sarau cultural poético, trazendo Ravena do Carmo autora do livro Poesia na Quebrada e Maristela Soeira, recitando poesias autorais. A banda local Vibe, onde seus integrantes são professores de música na escola pública de ensino fundamental Paroquial em Planaltina se apresentaram ao final, o palco esteve aberto para todos que quiseram se apresentar.

Na 4^a edição tivemos a presença do músico Glenner Cavalcante, levado por mulungu, apresentou durante a tarde músicas populares brasileiras. Durante todo o período da prática, fomos nos deslocando de lugar devido ao sol, apenas no horário do show podemos nos reunir de forma circular em torno do palco.

A comercialização dos produtos não é o objetivo da pesquisa em questão, porém ao perguntarem aos expositores como tinha sido as vendas do dia, muitos se mostraram felizes com os resultados, apesar de não venderem todos os produtos. Notamos aqui que nem sempre é fácil para o pequeno produtor produzir para a comercialização, os recursos primários necessários, o transporte, a exposição, gera custos e nem sempre o produtor pode arcar com eles.





Figura 3.2.7 Produtos Apropera e cerveja artesanal Willcibeer.

Fonte: Autoria própria 2017.



Figura 3.2.8 Produtos expostos pelo Acampamento Roseli Nunes nas 3 edições.

Fonte: Autoria Propria 2017



Figura: 3.2.9 Brechó Vênus.

Fonte: Autoria própria 2017.





Figuras 3.2.10 Apresentações musicais e poéticas da feira Soleco.

Fonte: Acervo Calangarte.

A quarta edição aconteceu no dia 05 de setembro, tivemos 9 expositores, a temática foi em homenagem ao dia da Amazônia, maior reserva natural do planeta, na programação contamos com músicas de ritmos amazônicos, como o carimbo, as guitarradas, bregas e as canções indígenas, no intuito de propagar a vertente cultural na comunidade de planaltina.

Quando passamos a compreender determinada cultura e a importância da floresta, fica mais fácil de respeitar e preservar. Teve também com oficina de jogos teatrais, a incorporação de personagens amazônicos, ministrada por dois discentes do curso de licenciatura em educação do campo (Ledoc) Maristela Soeira e Thiago Oliveira e a discente de gestão ambiental Michelle Duarte.

A proposta de realizar oficina de incorporação de personagens se deve ao entendimento de que, a conjuntura do nosso país solicita a sensibilização coletiva e a propagação de informações que conscientizem e estimulem os sujeitos a encontrar sua responsabilidade em relação aos processos que a Grande Floresta está enfrentando. Tal proposta, além de enriquecer a imaginação, desafia o sujeito a vivenciar novas situações, que, apesar de serem fictícias, tem um forte componente de verdade.

Teve 9 participantes, entre eles servidores IFB de Ceilândia e senhoras que estavam expondo na feira, a oficina foi bastante divertida e descontraída, os participantes puderam trabalhar o desenvolvimento da criatividade e sua desenvoltura corporal artística, deixando a timidez de lado, dando espaço para o lúdico.

Nesta feira contamos pela primeira vez com a presença da graduanda em Pedagogia Emily e o seu marido “Gaúcho”, moradores do acampamento Márcia Cordeiro Leite próximo a Planaltina DF., trouxeram um pouco da sua produção, como ovos de patos, geleia de amora e bolos no pote, com a periodicidade na feira foram agregando outros produtos como abóboras, livros, roupas e sapatos.

Uma grande surpresa neste dia, foi o senhor Joaquim, morador da Vila de Fátima, bairro vizinho ao campus da faculdade, em outras edições ele ouviu o barulho do som, então foi até a universidade verificar o que era, ao encontrar com a feirinha relatou tocar sanfona, teclado, zabumba e que tinha em sua casa uma oficina de instrumentos musicais e possuía vontade de ensinar as pessoas a tocarem.

Motivamos seu Joaquim a tocar na feira, ele se apresentou tocando forró no teclado por volta das 18 horas. Infelizmente devido a correria das outras atividades exercidas pelos integrantes do projeto não conseguimos dar continuidade a parceria.



Figura 3.2.11 Oficina de Incorporação de personagens Amazônicos.

Fonte: Autora 2017.



Figura 3.2.12 Produtos expostos pelo acampamento Márcia Cordeiro Leite.

Fonte: Autora 2017

A 5ª edição ocorreu dia 19 de setembro de 2017, teve como o tema o cerrado, o projeto CalangArte+ sentiu a necessidade de realizar uma reunião junto aos expositores para realizar um feedback das edições anteriores, um diálogo para saber como os expositores estavam se sentindo, quais as dificuldades enfrentadas e como estavam indo as vendas.

Queríamos também apropriá-los do processo de auto-organização da feira, dando mais autonomia em relação a pegar e devolver as mesas de exposição, pois além de empoderar-lós dos processos de execução, o grupo de realizadores da atividade apresentava cansaço, com a periodicidade das feiras eram demandado muito trabalho na divulgação e ofícios de estruturação, no período da realização todo o dia era dedicado a prática, além de buscar as mesas, decorar o ambiente, entrar com ofícios e buscar o som, no final do dia ainda tínhamos que organizar tudo.

A divulgação da feira, aconteceu majoritariamente pelos meios de comunicação virtual, e por faixas espalhadas na comunidade, tentamos de várias formas colocar um carro de som, divulgando a mesma, porém devido aos desencontros e falta de verba não conseguimos concretizar a ideia.

Nesta edição houve a diminuição no número dos expositores, muitos também chegaram mais tarde que as 11hrs, acredita-se que devido ao público do período noturno estar mais presente do que a comunidade vespertina da Universidade, esse atraso deve-se também ao fato das refeições, como a feira acontecia até mais tarde o pessoal já saía alimentado de casa.

Esses processos de ajuste feito em parceria com os expositores era o que realmente queríamos, a feira tem teor experimental dando espaço para testes, erros e acertos. A apropriação dos processos de aprendizagem pelos expositores era um dos nossos objetivos enquanto a realizamos.

Ao longo do dia as feiras tiveram grande ciclo de movimentação, talvez devido a nova localização, entretanto apenas alguns docentes e discentes pararam para olhar os produtos

oferecidos, conversar com os expositores e participar das atividades culturais, outros mantinham distância.

O apoio da feira pela comunidade “Fupiana”, foi progressiva, tiveram docentes e discentes que sempre iam fortalecer a atividade, porém a grande maioria não se importou com o acontecimento, no começo acreditou-se que a consolidação viria com o tempo e com a adaptação dos frequentadores aos novos canais de compras.

Entretanto é observável que as práticas de consumo ainda estão ligadas ao marketing do produto, seja eles pela sua aparência, embalagem ou formas de comercialização, na exposição as mesas que se aparentavam mais “bonitas” com toalhas e alta variedade de produtos eram as que mais vendiam, esses frequentadores compravam pela aparência e não pelo grau de necessidade de venda ajudando quem mais precisa.



Figura 3.2.13 Reunião do projeto Calangarte com os expositores.

Fonte: Autora 2017.

3.3 AS ÚLTIMAS DO ANO DE 2017.

Durante as realizações houve a aglomeração de estudantes, muitos acompanhavam durante toda a tarde, alguns professores também visitavam o local, geralmente a feira era mais movimentada na hora do almoço com as pessoas saindo do restaurante universitário, e após as 17hs, com a chegada dos alunos do período noturno.

Outro ponto importante para analisarmos são as datas, em algumas SolEcos os pagamentos e as bolsas dos frequentadores ainda não tinham sido depositados, onde impactou um pouco as vendas, as pessoas até queriam comprar, porém estavam sem recursos.

A 6ª, 7ª e 8ª edição ocorreram de outubro a novembro de 2017, sendo feiras mais singelas que as anteriores, pois a quantidade de expositores diminuiu consideravelmente, talvez pelo motivo da baixa venda, os consumos dos produtos oferecidos não custeavam o custo de transporte e alimentação dos feirantes e os poucos que permaneciam era em prol da resistência com a esperança de melhorar.

Foi possível observar que a adesão da comunidade a feira Soleco não limitava-se apenas a quantidade de expositores, produtos oferecidos ou atividades culturais, faltava a conscientização do público em entender a importância do incentivo financeiro a esse grupo social, um exemplo são a maioria dos professores onde possuem renda maior que os estudantes e mesmo assim, muitos não iam incentivar a prática.

Neste mês fomos surpreendidos pela doação de brincos e materiais para a fabricação, sendo esse um dos maiores propulsores de troca na feira, o sistema de trocas já vinha acontecendo com o bazar Quântico, porém de forma gradativa e lenta, essa doação foi muito significativa para o projeto, pois tudo o que o Calangarte tem e faz, deriva da doação e colaboração das redes de pessoas, possibilitando assim aprendizagem da experimentação

A doação feita pela graduanda em gestão ambiental, Gabriela Vieira, impulsionou imediatamente variadas trocas, foram orientadas que as permutas fossem realizadas por outro objeto que fosse justo, sendo este senso de justiça pertencente ao consumidor e em quantidades equivalentes, ou seja, eu troco 5 objetos por 5 objetos.

A 6ª feira SolEco, ocorreu no dia 10 de outubro, os representantes do acampamento Roseli Nunes, foram adaptando os produtos oferecidos trouxeram além de alimentos agroecológicos como; banana chips, cana de açúcar, mandioca, berinjela, couve, feijão, alface, rabanete, coentro e cebolinha, também fizeram bazar de roupas e sapatos.

Nesta feira tivemos 8 expositores, além dos expositores já conhecidos como o fitocosméticos Vivá, expondo sabonetes, cremes corporais, labiais, argila branca, desodorante o Brechó Vênus, o bazar Quântico e o CalangArte, com livros, acessórios, roupas e sapatos.

A rede de artesãos Mulungu e Saret, e também os produtos agroecológicos da associação Aprospira expondo tomates, rabanete, couve, temperos, alfaces e couve flor, repolho, rúcula, salsa e do agroecólogo Potiguar com hortaliças, mandioca, farinha e queijo.

Pela primeira vez tivemos a agregação de novas expositoras de cidade de Formosa-GO da rede Eu Que Faço, recebemos mais ou menos 5 artesãs do grupo. Expondo artesanatos em vidros reutilizável e panos de pratos e utensílios para cozinha pintados à mão, sandálias bordadas e bolsas feitas a partir de calças jeans blusas.

Teve também representantes do tricô com suéter, toucas e sapatos de adultos e crianças além de ursos artesanais. Foi difícil a consolidação das EU QUE FAÇO na feira devido aos custos de transporte de formosa, além da dificuldade de transportar os artesanatos.

Decidimos adequar o lugar, em vez de realizar na lateral a feira ocorreu em frente ao prédio de ensino e pesquisa. Nesta feira também tivemos problemas com a infraestrutura faltou mesas para todos os expositores, alguns tiveram que expor no chão, a falta de estrutura básica esteve presente em todas as feiras, a realização aconteceu com o que estava disponível no local.



Figura 3.3.1 Artesanato da Rede EU QUE FAÇO.

Fonte: autora 2017.



Figura 3.3.2 Doação feita pela Gabriela e artesanatos exposto no chão.

Fonte: Autora 2017.



Figura 3.3.3 Diversidades de Produtos Expostos pelo Roseli Nunes.

Fonte: Autora 2017.

A sétima edição aconteceu no dia 23 de outubro, na semana Universitária, teve como oficina proposta a finalização da praça de bioconstrução Rebendoleng, participando vários alunos da Faculdade. A amizade do projeto CalangArte com o seu Geraldo gerou bons frutos, ele nos auxiliou a começar uma praça em frente ao ateliê doando ferramentas para a construção.

Na Inauguração da praça no final do dia, fizemos uma carta de homenagem e agradecimentos pelos aprendizados, na oficina foi feita a pintura dos bancos com geoterra. A infraestrutura dessa edição foi oferecida pelo o MST, as barracas e tendas foram em comemoração aos 10 anos do curso LEDOC, na qual eles também iriam organizar uma feira,

então juntou-se as forças, entretanto apenas 4 expositores estiveram presentes, entre eles o Mulungu, Brechó Vênus, Acampamento Marcia Cordeiro e o Calangarte.

Não houve a presença de muitos frequentadores e nem muitas vendas, o que deixou alguns expositores bem desmotivados, entretanto houve uma forte manifestação cultural, trazendo alegria a quem estava no ambiente. Se apresentaram no palco a banda Vibe, em conjunto a outra banda de Planaltina África Tática, e ao Mc Oráculo, o palco livre ainda reuniu outros músicos estudantes do campus.

A integração social é definida como o conjunto de “ações e relações recíprocas, através das quais os homens se aproximam ou se afastam; se associam ou dissociam” (LOGO, 1977). É muito necessária para saúde mental do homem.

A busca pelo desenvolvimento sustentável requer mudanças estruturais dos meios de produção e abastecimento na transição de práticas sociais de impacto reduzido e também mudanças de relacionamento entre os homens na reflexão que somos capazes de monitorar, avaliar e modificar nossas práticas intencionalmente.

Como ROYSEN (2018) relata em sua tese a consciência e preocupação ambiental muitas vezes não se traduz na mudança de comportamento, as práticas cotidianas estão ligadas às infraestruturas de abastecimento, aos objetos e tecnologia disponível e uma série de elementos que nos leva naturalmente a repetir padrões incorporados.



Figura 3.3.4 Palco repleto de músicos estudantes do campus FUP.

Fonte: Autora 2017.

A última feira do ano de 2017, teve como tema 1 ano de ocupação da FUP, o movimento OcupaFUP resistiu 45 dias de muita luta contra a PEC 55/ 241, do congelamento dos gastos públicos com educação. Infelizmente a PEC foi aprovada, junto com outras leis abusivas, no entanto, a experiência trouxe muito aprendizado, amadurecimento para todos participantes e nossas demandas prioritárias foram conversadas com a reitoria e direção da FUP.

Junto aos expositores que estavam desmotivados, o grupo Calangarte apresentava cansaço, éramos um grupo de poucas pessoas e muitos se sentiram sobrecarregados com as atividades da feira e as atividades do meio acadêmico, esse é um importante aspecto para se analisar, talvez a realização da feira mensalmente em vez de quinzenalmente, nos possibilite o menor gasto de energia e uma organização de feiras maiores.

A última feira do ano voltou a acontecer na praça Rebendoleng, tivemos 4 expositores; a mesa Calangarte com o bazar Quântico de roupas, sapatos, acessórios e a doação de sementes do cerrado. O agroecólogo Potiguar com alimentos como couve, rúcula, alfaces, mamão coentro, cebolinha, alho poro, ovos e espinafre.

Na parte artesanal tivemos o artesão Mulungu, com anéis, colares e pulseiras e Renata com roupas de Crochê. Pela primeira vez seu amigo artesão de pulseiras em couro e sementes, Rodrigo morador da cidade de Sobradinho na qual relatou que as vendas foram fracas, mas que iria voltar a feira pelo o ambiente acolhedor, onde ele podia se distrair e divertir enquanto trabalhava.

A oficina dessa Soleco foi o plantio de mudas ao fim do dia, doadas por alguns professores da universidade. Mais uma vez as vendas foram bem baixas, infelizmente a comunidade da UnB Planaltina não se identificou com a causa. Houve mais terceirizados e técnicos frequentando a feira do que professores da instituição o que pode ser atrelado ao padrão de consumo em relação ao poder aquisitivo.



Figura 3.3.5 Oitava Edição da SolEco.

Fonte: Autora 2017.

3.4 COMEÇA O ANO NOVO.

Com a periodicidade a feira Soleco, foi ganhando novos parceiros, na 9ª feira, recebemos a Rede Bartô (Rede Rio São Bartolomeu de Mútua Cooperação) tem como o objetivo promover o diálogo e articulação entre as unidades da bacia do Rio São Bartolomeu, por meio do desenvolvimento sustentável. Segundo Gramacho (2018) o projeto visa a comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos, tendo como foco a capacitação dos jovens das comunidades e remuneração como forma de estimular sua participação local.

Com a parceria foi disponibilizado verba para a estruturação da feira, gastamos com a divulgação e algumas faixas para distribuir na cidade. Eles conseguiram algumas tendas para os expositores e trouxeram a coordenadora da Aprospira Fatima Cabral para uma roda de conversa sobre o Comunidades que Sustentam a Agricultura, (CSA) a pratica dos CSAs são

direcionadas a outras formas de se relacionar com quem produz seu alimento, transformando a cultura do preço, pela a cultura do apreço.

É uma tecnologia social que apresenta alternativas, para apoiar a produção local de alimentos, promovendo espaços de interação entre pessoas do campo e da cidade. Segundo o (CSA BRASIL 2015) “sem a cooperação do consumidor, a agricultura familiar não tem futuro. Ela é condicionada por baixos salários, uma pequena valorização de seu trabalho, além de falta de mão de obra e migração da juventude para as cidades. ”

A participação da rede foi bastante importante para essa edição, se mostrando uma das maiores já acontecidas, com o investimento eles conseguiram trazer expositores parceiros, garantindo um caminhão para buscar os produtos e garanti a alimentação. Eles conseguiram reunir alimentos como: ovos, geleias tomate, mandioca, hortaliças como alho poro, alface acelga, feijão, abobora, espigas de milho, bananas, limão jiló, fava, maxixe, pimentão, cenoura, batata doce e alguns artesanatos.

O grupo Calangarte estava empolgado para a primeira feira do ano de 2018, fizemos algumas parcerias através das redes sociais, um deles foi o Barburicano, morador da área rural de Planaltina, expondo fontes de agua e abajur feitos de madeiras e bambu. Tivemos também a presença da Clara Sales com sua mesa de orientação e revisão de trabalhos acadêmicos e dois expositores de Fitocosméticos, a Vivá expositora frequente das feiras, trouxeram torta de jaca e licores do fruto de o cerrado e a Afrodisíaca Biocosméticos, representado por uma caloura de gestão ambiental.

Na parte artesanal de acessórios pessoais, tivemos a presença de 5 expositores, entre eles o já conhecido Mulungu, a Renata do crochê e Rodolfo do origami e Rodrigo com pulseiras. Nesta feira foi agregado a moradora de Sobradinho DF, Jessica, expondo, cartucheiras de couro artesanal e artesanatos de macramê e o Takawa curipé para rapés e instrumentos de sopro feitos de papel reciclado. No final do dia ele tocou algumas músicas no violão e no instrumento Didjeridu.

A concorrência do pequeno produtor com os supermercados é desleal, quando se opta por esses grandes meios de comercialização, o produtor ganha pouquíssimo diante dos

alimentos que produz, por isso a compra direta se faz tão importante para incentivar quem tem um papel social importante de alimentar, nós e nossas famílias.



Figura: 3.4.1 Roda de Conversa sobre CSA e banca Rede Bartô.

Fonte: Autora 2018.



Figura 3.4.2 Artesanatos e Consméticos da 9ª da feira Soleco.

Fonte Autora 2018.

As 10^a e 11^a edições, tiveram como tema a feira teve como tema africanalidades, o nosso parceiro Delano trouxe um amigo o do DJ Rub Boing, professor em Planaltina DF, que tocou músicas do Cabo Branco, cumbias e dubs.

Tivemos 4 expositores na primeira edição, entre eles o Calangarte e o Mulungu. Pela primeira vez recebemos a estudante de gestão ambiental Gabriela Coelho, expondo Cookes de chocolates e a aluna de mestrado do MADER Maria Ceixa, com cactáceas e suculentas, vale notar que as vendas de Ceixa foram muito satisfatórias, fazendo com que ela retornasse na última edição.

Também tivemos um representante do acampamento pequeno Willian, Robinho expôs artesanatos feito de bambu e resina de poliuretano vegetal junto com licores do cerrado.

A última feira aconteceu dentro do prédio de ensino, pois o tempo estava pré-disposto a chuva, tivemos 6 expositores, entre eles a Sr. Luara moradora da cidade de Unai MG, na qual foi chamada por um professor da FUP para participar da atividade, ela trouxe sua própria produção de pimenta, jurubeba, conserva de pequi, couve e ovos.

O acampamento Roseli Nunes mais uma vez estava presente, expondo bananas, mandiocas, abobora, quiabo, cana de açúcar, maxixe, cuxá e pancs. Outra representante novata foi a graduanda de agroecologia do IFB Planaltina, Mariana Mota, expondo produtos seu e de alguns amigos, como sabonetes, pimenta do cerrado e brownie vegano.

A feira foi realizada com o que se tinha disponível no local, sem infraestrutura ou investimento, sobreviveu por um ano com a parceria de expositores regionais, provando que é possível exercer a cidadania participativa, mesmo tendo poucos ou nenhum recurso, para um mundo mais justo e equilibrado.

Vale ressaltar a falta da conscientização do consumo, valorando a magnitude de se comprar em canais solidários e ecológicos, pois a geração de renda autônoma é necessária para aqueles que produzem, não se faz agroecologia sem a mudança na conduta, sem consumir produtos agroecológicos e atentar a redistribuição de renda.



Figura 3.4.3 Produtos expostos na 10ª e 11ª edição da Feira Soleco.

Fonte: Autora 2018

3.5 QUESTIONÁRIOS AOS REALIZADORES.

Para podermos ter uma percepção compartilhada da prática, com os membros do projeto Calangarte, realizei no ano de 2019 uma breve entrevista, com quatro questionamentos: O que a sua participação na construção da feira soleco significou para você? Houve aprendizados? O que te levou a realizar a feira? O que te desmotivou na prática?

Relatos Heloísa Freire, Gestora Ambiental:

“Foi e tem sido uma busca coletiva pelo resgate de saberes e fazeres, tecnologias sociais, práticas sustentáveis, conhecimento ancestrais, culturas que vem sendo perdidas e esquecidas nesse modelo desenvolvimento atual de padronizações de conhecimentos, práticas, fazeres baseado no mercado e no capital.

A participação na Feira SolEco foi uma experiência valiosa de vários aprendizados, desde a organização interna com integrantes e eventos, ao conhecimento dos processos burocráticos para construção da feira, até a troca de saberes com agricultores, coletivos, associações, produtores e artesãos locais criando e fortalecendo uma rede baseadas em práticas agroecológicas, economia solidária, educação popular e artes, base essa do Projeto CalangArte.

Cada feira houve temáticas, vivências, palestras, oficinas, rodas de conversa que fortalecia essa rede e troca de saberes com atores e protagonistas locais voltadas para questões base do projeto, comunidade acadêmica e região. Infelizmente o fluxo de saída dos produtos, apesar de serem mais em conta ou no mesmo valor dos convencionais, não foi satisfatória desmotivando a ida dos produtores, artesãos e agricultores nas feiras. Além disso, a falta de incentivo, parceria e estímulo da instituição universitária para questões básicas para o desenvolvimento das feiras, como reduzir o valor da alimentação para os expositores no restaurante universitário, falta de luz, divulgação, disponibilidade de eletrônicos.

Os erros e acertos fazem parte do processo, algumas questões internas de organicidade influenciaram também a paralisação das feiras. O coletivo pensa em um momento mais oportuno voltar com as feiras redefinindo novas diretrizes e metodologias para emancipação da feira na comunidade Planaltina. ”

Relatos Priscila Castro, Gestora Ambiental:

“Minha participação na feira soleco me proporcionou muitos aprendizados pessoais e profissionais, foi um exercício para saber como funciona a organização de um evento, onde foi necessário eu desenvolver diálogos com diferentes tipos de pessoas, desde os técnicos e funcionários da fup quanto com os feirantes, oficineiros e membros do grupo calangarte. Pude compreender a importância de estar solicitando a liberação dos espaços da faculdade, bem como equipamentos de som, extensão, pois na fora da faculdade ocorre de maneira semelhante, tive que perder a vergonha e conhecer de frente os técnicos, prefeito, diretores, participando de reuniões, ficando no pé para liberação de algumas coisas mais específicas e com o tempo fui conquistando confiança e respeito dos mesmos. Em relação aos feirantes e oficineiros foi mais tranquilo, eles na maioria das vezes estavam animados a participarem, chegavam cedo com seus produtos e gostavam do ambiente que a gente propiciava, porém as vezes partia meu coração, pois nós quanto coletivo não tínhamos condições de oferecer um auxílio alimentação (almoço, lanche) e eram pessoas humildes que estavam ali para nos fornecer produtos de qualidade e em algumas edições não vendiam tão bem a ponto de custear gasolina e alimentação. Foi uma experiência bem significativa para mim, consolidamos algumas parcerias que até hoje mantenho contato e troco experiências e saberes, alguns me convidam para participar de feiras, pois também faço alguns artesanatos, nos chamam para mutirões nas áreas rurais e outros eventos. O que me levou a realizar as feiras foi a ideia de trazer acessibilidade a comunidade de Planaltina e da FUP a alimentos agroecológicos de qualidade e com preço justo, além de trazer visibilidade aos produtores familiares do entorno, que muitas vezes não conhecemos e estão bem próximos a nós, e também estar ajudando na evasão dos seus produtos, assim como as (os) artesãs (os) e artistas locais. Planaltina é uma cidade muita rica nesse sentido. Foram feiras muito lindas e ricas, cada edição tinha uma temática, uma oficina, um músico, poesias, isso me deixava muito feliz e satisfeita, cada mês eu dedicava 2 semanas para a realização da feira. No fim de cada feira ficava muito exausta, mas com uma sensação de realização e de ter feito um trabalho com muito amor. Porém havia pouca participação dos estudantes, professores e funcionários. Tinha edições que o número de vendas eram baixos, os estudantes que mais participavam eram nossos amigos mais próximos e com o tempo o próprio coletivo foi deixando a realização e a organização na mão de poucos integrantes, o que foi sobrecarregando quem estava a frente, eu era uma dessas, ficava na organização (entrega de ofícios, arrumar o local - pegar mesas, equipamentos de som e fotografia, objetos do ateliê calangarte), comunicação (divulgação, chamar feirantes e oficineiros, registro audiovisual, atualização das redes sociais) e entrei no período que tive me dedicar ao trabalho de conclusão de curso, então aos poucos fui deixando a feira e depois coletivamente decidimos não realizar mais as feiras, pois estava ficando puxado para todos, logo a maioria entrou nesse processo de se formar e fazer TCC e não achamos pessoas para nos substituir e estar realizando a feira.

Relatos Maycom Lima, graduando em Gestão Ambiental

Ter participado do processo de construção da Feira Soleco foi muito gratificante, foi um período de muito aprendizado e de muitas trocas, pessoalmente me ajudou bastante a compreender e entender outras realidades sociais diferentes da minha, me possibilitou a desmistificar alguns preconceitos, me trouxe autonomia dentro da universidade e de certa forma ampliou a minha visão de mundo, no sentido de começar a questionar esse modelo de consumo que é imposto a nós e a visualizar outras formas de se viver ou do bem viver. O que me levou a realizar a feira (até então sem nome definido) foi a primeira feira de troca de sementes que eu tive a oportunidade de participar na Vila Cultural na 813 sul, daí surgiu a possibilidade de ser fazer algo parecido na FUP pois na minha visão a FUP tinha todas características e condições de se promover um espaço de socialização e de troca de saberes que uma feira proporciona, um pouco mais tarde com a criação e a consolidação do calangarte como um projeto de extensão dentro da Universidade possibilitou a realização da feira SolEco que não se restringia apenas trocas de sementes, mais a exposição de artesanatos, atividades culturais, comércio de alimentos agroecológicos e etc. O que me desmotivou ao longo do tempo com a realização da feira foi a falta de incentivo por parte da direção com alguns empecilhos para a realização da feira, por exemplo pela falta de liberação de alguns equipamentos de sons, mesas, extensões etc. Outra dificuldade foi a liberação da alimentação do RU para os feirantes, muitos vinham de longe para estar expondo seus produtos e passavam o dia todo e muitas vezes não conseguiam vender seus produtos e ainda tinham que custear sua alimentação, nem a possibilidades deles pagarem o mesmo valor dos estudantes foi possível. Outro fato que me desmotivou a foi a falta de adesão ao longo do tempo dos estudantes e professores na feira.

Relatos Maristela Soares, Educadora do Campo.

Eu pensei a feira no sentido que tanto o agricultor tivesse acesso a comercialização, a comunidade universitária e entorno, para uma nova forma de economia solidária e que todos tivessem atuam em todo processo de construção através da participação coletiva pela Educação popular que compreende vários aspectos da sabedoria popular com resgate dos conhecimentos tradicionais que são passados nas oficinas, pelo artesanato e artes com a soberania alimentar e nutricionais através dos alimentos hortifrutigranjeiros produzidos de forma agroecológica acessível a todo o público universitário como abrange a comunidade

O meu aprendizado foi da importância da humildade e da participação coletiva, que todas as engrenagens que se articulam são importantes e que quando um elemento sai ou outro entra muda toda a configuração coletiva

Que no coletivo e preciso ouvir a música do coração para toar juntos, na construção de melodias que abram portais para a superação do que antes era impossível

A sinfonia harmonizada no mesmo querer realizar a obra de arte sensível que emana de uma natureza maior que nos nutre e nos acolhe, sustenta, mantém, a feira nos trouxe está reflexão de estarmos integrados e precisamos nos posicionar que se estabelece através de nossa conduta

A pergunta crucial seria... O que estamos fazendo diante disto tudo.

Relatos Thiago Oliveira, Graduando em Licenciatura do Campo.

Uma parceria muito fina, me sentir contemplado em poder estar junto com pessoas muito queridas e que tinham junto comigo um objetivo em comum que era fazer acontecer, este movimento bonito, onde a gente pudesse legitimar o que aprendemos nos nossos cursos baseado na economia solidaria e poder trazer as pessoas do território do DF e entorno, principalmente de Planaltina e dos assentamentos e acampamentos de reforma agraria, para poderem ganhar uma certa visibilidade dentro do espaço acadêmico.

Sempre há aprendizados, trabalhar em coletivo é muito difícil, mas também é muito honroso, então acho que aprendi tanto de mim mesmo, de conhecer melhor meus defeitos e limitações quando de respeitar também o espaço tempo do outro, a fala do outro, os desejos do outro e aprender a sintonizar a diversidade de saberes e unificar esses processos de aprendizagem, tipo fazer tudo da maneira mais harmônica possível onde todos possam se sentir contemplados.

O que me levou a realizar a feira foi essa ideia em comum, esse objetivo em comum de estar trabalhando todo mundo junto e fazer acontecer, e demonstrar que é possível a gente usufruir de bens e serviços comuns de outras maneiras alternativas que são saudáveis, criativas e recreativas.

Não me sentir desmotivado, foi naturalmente, eu vim morar mais longe, e tinha que cuidar do meu sobrinho, peguei algumas matérias em outro campus, diante a toda essa conjuntura, aos poucos fui me afastando até uma hora que de repente, comecei a namorar e meu passe livre foi cortado.

Relatos Michelle Duarte, Graduanda em Gestão Ambiental.

Muitos entram dentro de uma Universidade, porém não a sentem de verdade, apenas passam por ela. O que traz a verdadeira sensação de vivência na vida acadêmica é a possibilidade de interação em projetos. Ficar apenas dentro das celas de aula, atrás de uma cadeira na vida universitária é como aprender a receita de um bolo e não cozinhá-lo, muito menos experimentar o seu sabor. Poder participar do projeto CalangArte e tocar a feira SolEco foi a possibilidade de aplicação do que aprendemos em várias disciplinas. O aprendizado adquirido na feira Soleco engloba saberes que vão desde organicidade, gestão de pessoas, logística, trâmites burocráticos, marketing, educação ambiental, construção do coletivo,

auto-organização. Assim como o projeto CalangArte, a feira SolEco foi idealizada, organizada e implementada pelos próprios estudantes. A ideia de uma feira holística, que trabalhe arte, oficinas e traga produtos artesanais e orgânicos para dentro de uma universidade a qual está localizada em Planaltina, cidade satélite periférica do DF tinha como objetivo trabalhar a educação ambiental e o consumo consciente não só dentro da Universidade, mas principalmente para a comunidade.

Conseguimos estruturar a feira, trazer em todas as edições oficinas, música, sarau, produtos artesanais e orgânicos. Conseguimos contatar os produtores locais de orgânicos para que vendessem seus produtos de forma direta, sem atravessadores o que fazia com que fosse possível a venda desses produtos a preços mais acessíveis. Porém com o passar das edições fomos percebendo que os feirantes estavam voltando com bastante mercadoria, tornando sua participação inviável. Na prática fomos percebendo que a feira apesar de estar atraindo muitas pessoas para as oficinas e os saraus, não estava atraindo pessoas com o objetivo de compra. A esse fato podemos atribuir várias questões, dentre elas a localização da feira, que poderia ter sido em um local mais visível o qual as pessoas da comunidade que passassem na rua pudessem ver; o horário da feira também poderia ter sido de noite, que é o momento que os trabalhadores estão voltando pra casa. A falta de elementos básicos de uma feira como brinquedos nos quais as famílias pudessem levar as crianças enquanto se alimentam e fazem as compras, alimentos como crepes, pastel, acarajé, churrasquinho também poderiam atrair mais a comunidade para dentro desse espaço.

Relatos Gustavo Cozer, Graduando em Gestão Ambiental.

A feira Sol eco foi a oportunidade que encontrei pra ganhar experiência com organização de eventos artístico e cultural, bem como conhecer a realidade dos pequenos agricultores, artesãos e artistas da cidade de Planaltina e redondezas

A princípio a ideia da soleco era construir um espaço onde fosse possível escoar produtos da agricultura familiar, e incentivar artesãos e artistas locais. Então o que me levou a fazer a soleco foi a possibilidade de construir esse espaço de fortalecimento da arte

Apesar dos esforços somados, era necessário um espaço mais adequado para que os participantes da feira pudessem de fato efetuar venda ou troca dos seus produtos. Além disso, a complexidade e a energia despendida na execução da feira, acabava afetando a qualidade e o rendimento acadêmico. Esses fatores foram desmotivastes e cruciais para o encerramento do projeto

3.6 QUESTIONÁRIOS AOS FREQUENTADORES.

Neste subcapítulo analisaremos os dados obtidos através do questionário (**Apêndice 1**) sobre o perfil dos frequentadores da Feira SolEco. Lembrando que foi incluído no termo “frequentadores” todos aqueles que fizeram parte da vivência, e que direta ou indiretamente estiveram presentes no local, abrangendo expositores, a organização, os visitantes, a comunidade externa ou interna da Fup.

A feira foi construída a muitas mãos, e não podemos categorizar as pessoas envolvidas em realizadores, expositores, conviventes e colaboradores, pois um não existiriam sem o outro, sem os expositores não existiriam os realizadores, sem os colaboradores e conviventes não teriam os expositores e sem a mediação dos realizadores o encontro da troca não seria possível, não havendo assim separação.

Englobamos todos esses atores no termo frequentadores. Inicialmente essa pesquisa se propôs a entender, se quem participava da feira em diferentes modalidades (expondo, realizando, comprando, etc.) tinham a consciência da importância da prática e também para identificar quais eram as principais características que atraía a comunidade.

Foram respondidos nas duas últimas edições da Feira, no período de maio e junho de 2018, 48 questionários não nominais de perguntas objetivas que incluíam a idade, profissão, frequência na realização, o que fazia participar da feira, o vínculo acadêmico, as compras e trocas realizadas, por último três perguntas de cunho pessoal sobre práticas conscientes com o meio ambiente justo e equilibrado.

A temporalidade da pesquisa quantitativa representa características de pessoas presentes na atividade em apenas duas edições das onze ocorridas, entretanto não enfraquecendo a qualidade do campo amostral da pesquisa. Primeiramente porque foi dado tempo para a consolidação da periodicidade das realizações, ocorrendo quinzenalmente às terças-feiras, ou seja, mais pessoas sabiam e estavam habituadas com a existência da SolEco. Com este dado conseguimos identificar que muitos dos “frequentadores” participavam das edições com

periodicidade em contraste a outros que estavam vindo pela primeira vez, observando assim a expansão progressiva que a feira se encontrava.

Relacionamos os dados sobre o vínculo acadêmico, categorizando por discentes, docentes, técnicos e terceirizados ou comunidade externa, (englobando neste termo, vizinhos próximo a faculdade, amigos de estudantes etc. Tal) com a periodicidade de participação das feiras.

O questionário apresentou que 69% dos entrevistados são estudantes da universidade, 23% é representado pela comunidade externa, 4 % professores e 2% egresso e 2% técnicos.

FREQUÊNCIA DOS FREQUENTADORES

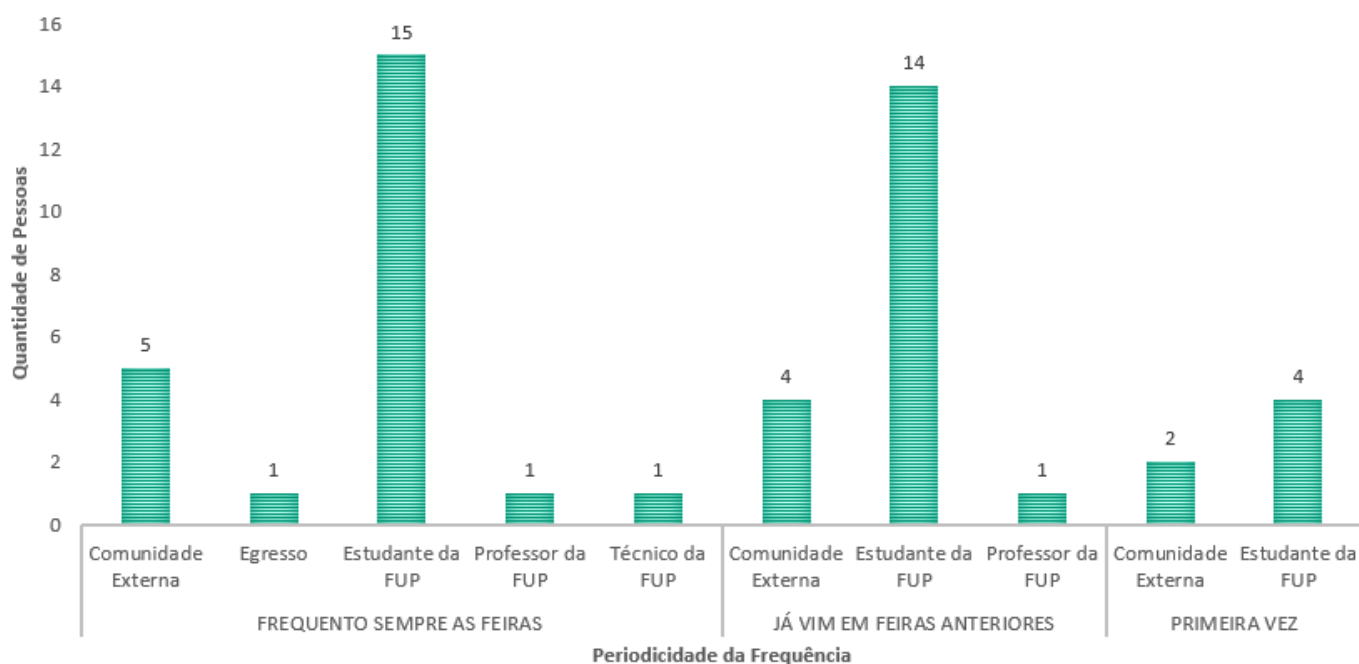


Gráfico 3.1- Relação da periodicidade com o vínculo universitário.

Como podemos observar das 48 pessoas que responderam o questionário, 23 afirmaram frequentar sempre as feiras, 15 são alunos da Fup e 5 fazem parte da comunidade externa, 19 dizem já ter vindo em edições anteriores e 6 estavam vindo pela primeira vez, sendo esses 4 alunos da Fup e 2 pessoas de fora da universidade.

Outro dado interessante é o equilíbrio em relação a distribuição dos sexos e idade, tivemos presente nas duas edições pessoas de 0 a mais de 60 anos distribuídas

proporcionalmente entre os sexos femininos e masculino. Isto mostra como é multifacetado o ambiente da feira compondo uma paisagem com pessoas de todas as idades.

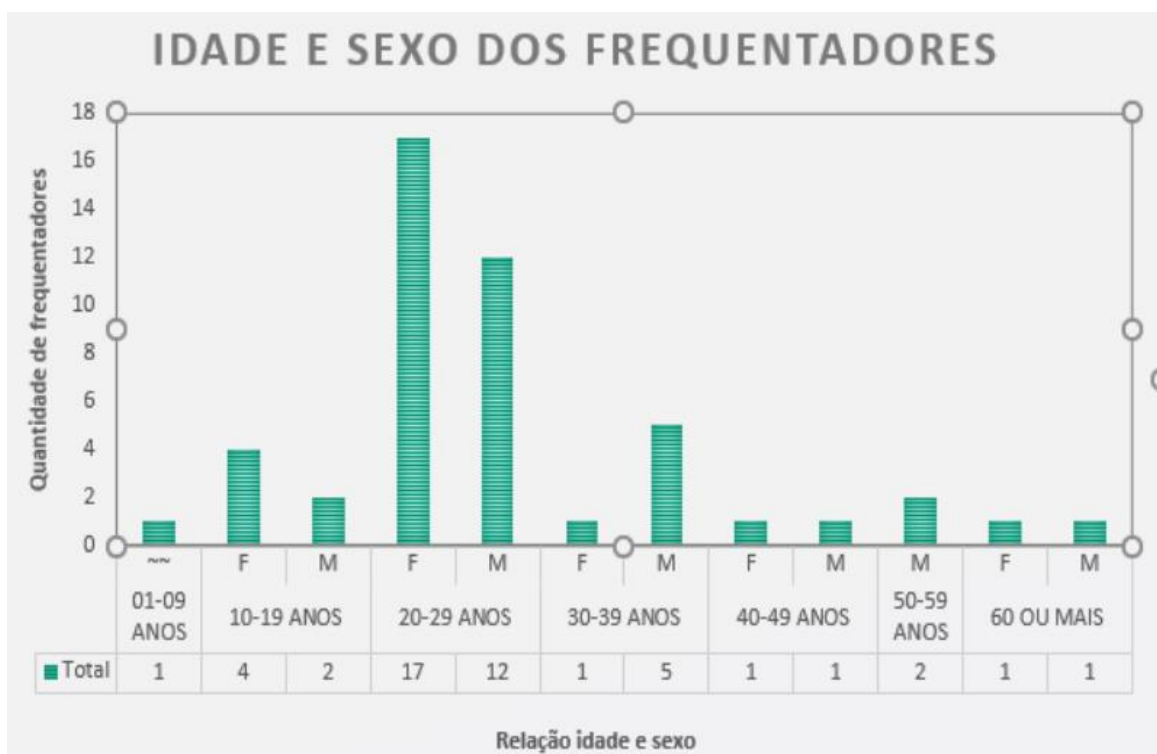


Gráfico 3.2 – Relação entre Idade e Sexo dos Frequentadores.

Primeiramente foi possível observar que, uma criança não soube identificar o que significaria a pergunta sexo. 24 pessoas responderam ser do sexo feminino e 23 do sexo Masculino, descaracterizando assim um pré-conceito que feira é local destinado apenas a mulheres ou homens.

A maior quantidade de frequentadores tem a faixa etária de 20 a 29 anos e são estudantes da Fup, com o aumento da idade, de 30 a mais de 60 anos, a maioria dos frequentadores são do sexo masculino, entretendo a distribuição de pessoas entre o sexo masculino e feminino ocorreu relativamente uniforme entre todas as idades.

Em relação ao consumo dos frequentadores, 87% dizem já terem realizados compras na SolEco, e 13 % já terem feitos trocas entre os produtos. Entre os diversos itens citados categorizamos em alimentos, artesanatos, cosméticos, bazar, livros, plantas ornamentais e plantas medicinais.

VARIAÇÃO DE CONSUMO DOS FREQUENTADORES DA FEIRA SOLECO

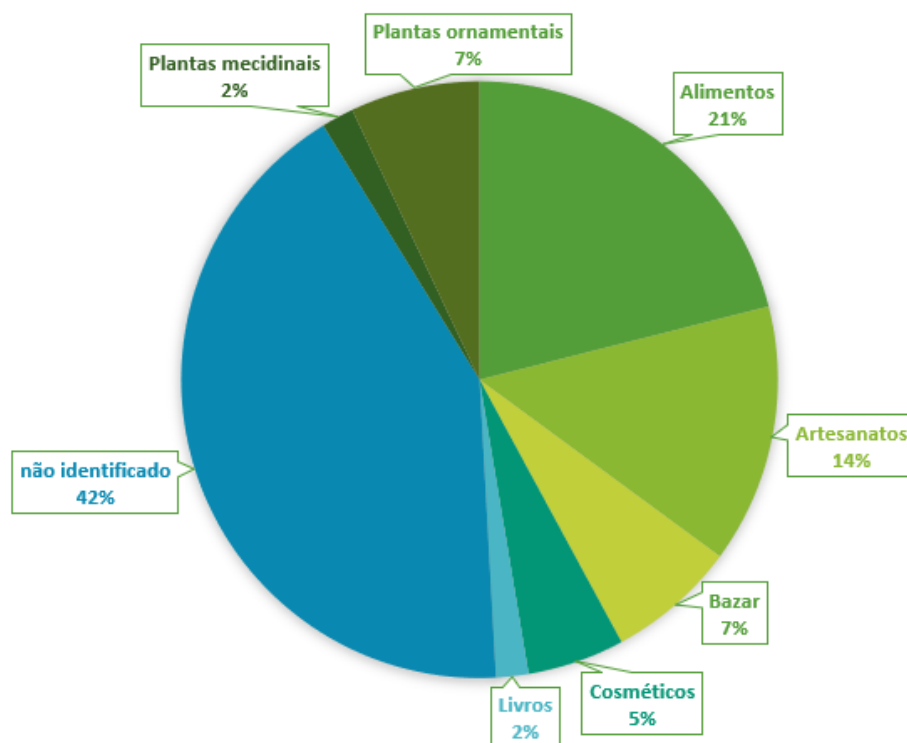


Gráfico 3.3 – Variação de consumo em porcentagem pelos entrevistados.

Grande parte dos entrevistados não identificaram o que compraram ou trocaram, tivemos pessoas que compraram diferentes itens, o intuito da SolEco não era apenas fortalecer o canal de compras e vendas entre produtores e consumidores, mas também criar um espaço de integração social e trocas de saberes, entre a própria comunidade da universidade e também com atores sociais externos, como produtores rurais, artesãos e moradores de planaltina.

Com 21% os alimentos foram os mais consumidos pelos entrevistados, em segundo lugar na lista dos mais consumidos estão os artesanatos com 14%, seguido do bazar e plantas ornamentais representados com 7% cada, os menos procurados estão os livros e as plantas medicinais.

O campo amostral da pesquisa, mostra-se bem diversificado em seus resultados, expressando uma hegemonia representativa daqueles que vivenciaram as outras edições da feira. O campus Faculdade UnB Planaltina, como já dito anteriormente tem como objetivo

ser um campus modelo de gestão ambiental, onde os 4 cursos presente, tem como referência a preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento integrado multidisciplinar do ser humano.

No pressuposto que os estudantes e professores da universidade, já teriam uma maior conscientização sobre os paradigmas da transformação para a sustentabilidade, por abordarem o tema academicamente indiferentemente da área da atuação. Pode-se observar pelos questionários que a maioria dos entrevistados são estudantes de graduação, alguns já possuíam profissão como química, cientista ambiental, agroecóloga e agricultor.

O que se pode concluir é que para valorizar é preciso conhecer e entender, muitos dos frequentadores têm linhas de atuação voltados ao meio ambiente e as relações humanas. Por exemplo não foi visto nenhum professor de economia ou de áreas afim presente na feira.

Ao perguntar quais eram os motivos que os fazem participar da SolEco, identificando os eixos de atuação, como os assuntos abordados como temática, oficinas e rodas de conversa, as apresentações artísticas, o acesso a alimentos agroecológicos, os artesanatos e cosméticos naturais, os quesitos de bem-estar como paisagem, som e pessoas, como também a compra direta com o produtor e o artesão e o incentivo da agricultura familiar.

Os entrevistados podiam marcar as alternativas que quisessem, o objetivo da pergunta é identificar se a relação da percepção dos eixos de atuação da feira, os valores e ideais, estavam sendo compreendidos pelos seus frequentadores, ou seja, verificar se as pessoas presentes estavam frequentando a feira com afinidade as práticas de consumo e/ou por manifestações da sociabilidade e/ou apenas por algum produto específico.

O que me faz participar da Feira SolEco ?	Porcentagem
Temas, oficinas e rodas de conversa.	64%
Apresentações artísticas.	72%
Produtos sem agrotóxicos e consorciados a natureza.	75 %
Artesanatos e Cosméticos naturais.	77 %
Ambiente da Feira (paisagem, som, bem estar).	75%
Realização da compra direta com o produtor e o artesão.	70%
Incentivo a agricultura familiar.	68%
O Princípio sustentável que a feira possui.	70%

Tabela 3.4 – Os motivos de participação da Feira SolEco.

64% dos entrevistados afirmaram participar da SolEco pelos temas das feiras, oficinas e rodas de conversa, 72% pelas apresentações artísticas, 75% disseram frequentar pelo acesso a alimentos sem agrotóxico e de produção consorciada a natureza e pelo ambiente de bem estar compreendidos pela paisagem, pessoas e dinâmica da feira, a maioria das pessoas, 77% afirmaram frequentar a feira pelos artesanatos e cosméticos naturais e 70% pela realização da compra direta com o produtor e artesão, 68% pelo incentivo a agricultura familiar e 70% reconheceram o princípio sustentável que a feira possuía.

Esses dados nos levam a refletir em dois caminhos, o primeiro referente a conscientização da proposta, maiores quantidades de pessoas disseram participar da feira por produtos artesanais e cosméticos do que por alimentos agroecológicos e que participam mais pelas atrações artísticas e a composição do ambiente, do que para o incentivo da agricultura familiar ou a compra direta entre produtor\consumidor. Embora esses resultados, muitos afirmaram que participam da feira pelo seu princípio sustentável, apesar de não conseguirem identificar os índices que levam a sustentabilidade.

O outro caminho que podemos refletir é sobre as dificuldades enfrentadas nas realizações, nem sempre tivemos uma feira composta, às vezes em maioria os produtores rurais, as vezes em maioria os artesãos, algumas com duas bancas de fitocosméticos, outras sem nenhuma. O que nos permite refletir sobre o que pode ser melhorado nas futuras edições.

Talvez algumas pessoas não marcaram os eixos, por não identificarem a representatividade de tais eixos na feira.

Nas perguntas referentes a conscientização pessoal, 98% dos entrevistados acreditam que a sustentabilidade é exercida através de hábitos culturais em uma sociedade.

Quando perguntamos se estavam acostumados a realizar o consumo consciente, evitando embalagens, desperdícios, preferindo produtos que não degradem o meio ambiente e ajudando as pessoas que estão a sua volta, 67 % dos entrevistados responderam, terem sim o hábito do consumo consciente frequentemente, 21 % que as vezes realizam, apenas quando se interessam pelo produto e 12% que raramente optam por esse tipo de consumo.

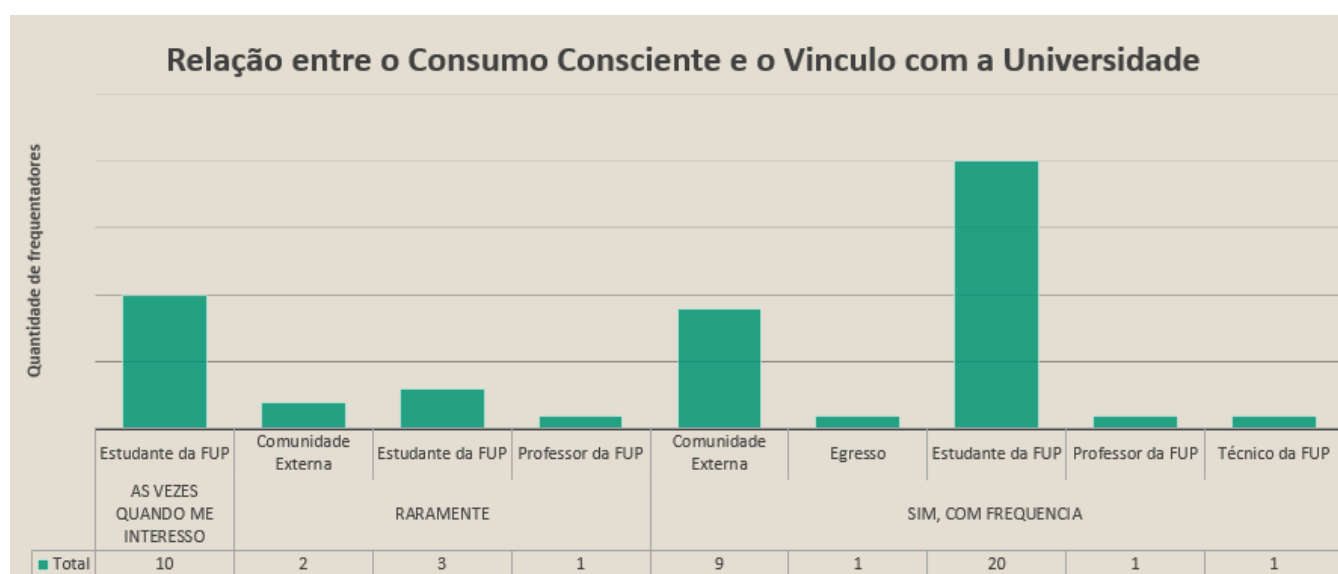


Gráfico 3.5 – Costumes de consumo distribuídos por categorias.

Como podemos observar na tabela, o consumo consciente está mais atrelado a bagagem cultural do indivíduo, do que a formação acadêmica que ele possui, pois, a variedade das pessoas; comunidade externa, estudantes, professores, técnicos da Fup nas diferentes categorias; com frequência, as vezes e raramente, mostra que essa é uma escolha que varia de indivíduo para indivíduo.

Claro que a educação ambiental estar anexa a essas práticas de uma nova consciência e mudança estrutural. Todos estamos no processo de transição, imersos em uma sociedade

capitalista incentivados todo o tempo para o consumo, os 12% que assumiram não prestar atenção a esses detalhes quando fazem suas compras, representam muitos por centos dentro da nossa sociedade.

Pois nem sempre é fácil preferir este tipo de mercado, seja por questões de tempo, acesso, localização, facilidades, entre outras condições. Os grandes centros comerciais já estão sistematizados para atender ao ritmo de vida imposto e o consumo estabelecido.

A última pergunta foi sobre o descarte de resíduos corretamente, muitos entrevistados sugeriram colocar no questionário uma terceira opção de resposta, que seria as vezes, pois afirmara praticar tal ação quando há coletores específicos.



Gráfico 3.6 – Descarte de Resíduos Relacionados com o Vínculo do Entrevistado.

Essa pergunta o que é descartar seus resíduos corretamente, dá uma boa análise crítica, já que a resposta é relativa de acordo com os atores, uns poderiam falar que destinar os resíduos aos serviços públicos de saneamento já seriam o correto, outros que a destinação correta é a separação de secos e orgânicos ou resíduos e rejeitos, de acordo com a lei nº 9.605 é

necessário separar em 5 categorias; plástico, papel, vidro, metal e orgânicos, para facilitar a triagem, tratamento e destinação.

71% dos entrevistados acreditam ou consideram que descartam corretamente, dentre eles a maioria estudantes da Fup, seguido da comunidade externa. Os 25% consideram que não descartam corretamente e 4% não quiseram informar. Essa pergunta se faz importante, porque é a partir do volume de resíduos gerados que podemos enxergar a magnitude de nossos consumos.

Os dados positivos das perguntas de conscientização ambiental justificam-se por terem sido entrevistados quem estava frequentando a feira, as pessoas que já praticam esse tipo de comércio tendem a ter uma conscientização ambiental maior.

4 CONCLUSÃO

As feiras são importantes espaços de manifestação cultural, expressão popular e canais de comercialização, prática cultural presente na sociedade há alguns séculos. Agrupa sujeitos de funções integradoras para a sociedade, como simples canal de comercialização, possibilita inserir ao fluxo econômico pessoas excluídas pela lógica capitalista.

A história do Brasil Colônia, teve como fatores de crescimento a exploração dos recursos naturais e a mão de obra escrava. Atualmente as formas de crescimento econômico não mudaram, os meios e produção mecanizado e industrial degradam todos os requisitos básicos para a vida no planeta terra, destroem o solo, extinguem a água, poluem e aquece o ar.

Os detentores do capital sabotam o Estado brasileiro, acumulando riquezas por meio da degradação social da população, insere em seus costumes traços do imperialismo, impulsionando o consumo excessivo em prol da economia. Nossos hábitos de vida são subjugados pelas “normas social” e direcionados pelas superestruturas dominantes.

A conscientização do poder consumidor é um importante agente rumo a sustentabilidade, essa não se restringe apenas a questões ambientais ecológicas. O meio ambiente que estamos inseridos é um conjunto complexo de variados atores interligados, um condicionando o outro, o caminho para a sustentabilidade requer uma nova conduta de relacionamento entre os homens e entre seres humanos e a natureza.

O resgate de antigos saberes e valores humanos para a preservação da autossuficiência alimentar em prol da saúde física, mental e a garantia de direitos, requer outras formas de relacionamento com a esfera econômica, outras maneiras de organização e distribuição, motivados através do compartilhamento solidário entre os povos.

Para alguns pode parecer distante as práticas que englobam a economia solidária, causando estranhamento e desacreditando que se é possível viver em tais condições diante do sistema imposto, repreendemos muitas vezes aquilo que não conhecemos e encontramos facilidades em reproduzir o padrão cultural enraizado.

Entretanto é viva uma comunidade que entende a significância da prática das trocas de experiências e saberes, da compra direta com quem produz, do fortalecimento financeiro a comunidades rurais agroecológicas e das pessoas que estão ao nosso lado e carecem de incentivo.

Diante os dados obtidos durante a realização da pesquisa, é possível dizer que a prática experimental da Feira Solidária e Ecológica no ambiente universitário, com intenção da transformação de paradigmas, da criação de espaços integrativos, da conscientização do consumo e da valorização regional impactou de forma positiva as pessoas e o meio ambiente em que estão inseridas.

As estratégias das práticas como a comercialização direta dos pequenos produtores agroecológicos, artesãos, a cosméticos de origem natural, ao bazar em conjunto a novas formas de relacionamento social, pertencimento e cidadania são instrumentos para a transição para a cultura sustentável.

A agroecologia é capaz de abastecer semanalmente a mesa do cidadão com alimentos saudáveis, frescos e de valor nutricional, a falta de adesão pelo público da Faculdade Unb Planaltina a Feira SolEco, pode-se dá por diferentes motivos; conscientização de consumo, padrões culturais, relação produtos, preço e praça, questões afetivas, entre outros.

A experiência foi agregadora para todos aqueles que participaram, um canal de aprendizagem de teoria e pratica na busca da transformação do mundo em um ambiente equilibrado e justo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Marchiori, Daniel Silva Rodrigues. **Perfil higiênico-sanitário de feiras-livres do Distrito Federal e avaliação da satisfação de seus usuários.** 2004. Viii, 64.;5il. Monografia (especialização) - Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/522>> Acesso em: 20 nov. 2018.

Silva, Nelsânia Batista da. **Educação popular e subjetividade na feira agroecológica.** 2006. 140p. Dissertação (mestrado). Centro de Educação, UFPB. João Pessoa. Disponível em<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4610>> Acesso em: 09 maio. 2018.

Rocha, Anderson Avelino da, **CADEIA LOGÍSTICA DE PRODUTOS ORGÂNICOS NO DISTRITO FEDERAL – PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES,** 2011. Monografia. Faculdade UnB Planaltina. Brasília. Disponível em <<http://bdm.unb.br/handle/10483/3870>> acesso em: 19 nov. 2018.

Dantas, Galdino e Pachelly, Geovany. **Feiras no Nordeste.** 2008. Mercator - Revista de Geografia da UFC, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. vol. 7, núm. 13, pp. 87-101. 2008. Disponível em < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620629009>> Acesso em: 18 abril. 2018.

Barbosa, Andréia Cristina da Silva. **Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim.** 2013. 136 p. Dissertação (Pós-Graduação). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em< <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12935>> Acesso em 15 maio. 2019.

BRASIL. LEI Nº 1.828, DE 13 DE JANEIRO DE 1998, **Disciplina a organização e o funcionamento das feiras livres e permanentes no Distrito Federal.** Sistema Integrado de Normas Judiciárias do DF. Brasília. 13 de Janeiro de 1998. Disponível em: <https://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/49787/Lei_1828_13_01_1998.html> Acesso em: 04 abril. 2019.

FUP, Faculdade Unb Planaltina. **Apresentação.** Universidade de Brasília. 2018. Disponível em < <http://fup.unb.br/apresentacao/>> Acesso em 30 abril.2019.

Neder, Ricardo T. e Marques, Lua Isis Braga. **A nova sociologia da tecnologia e os Estudos CTS - Ciência, Tecnologia, Sociedade; INTERACIONISMO SOCIOTÉCNICO E**

ANTI-METODOLOGIA NAS ITCPs COMO AGÊNCIA. 2016. Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina. Universidade de Brasília. DF.

LAYRARGUES, Philippe Pomier et al. **Diagnósticos de percepção ambiental: o que pensam os alunos da Faculdade UnB Planaltina sobre gestão ambiental e sustentabilidade universitária.** In: CATALÃO, Vera Margarida Lessa; LAYRARGUES, Philippe Pomier; ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar (Org.). Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 2011. p. 87-98. Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32369/1/CAPITULO_DiagnosticosPercepcaoAmbiental.pdf> Acesso em 04 jan.2019.

Logo, Ângelo. **Fundamentos de estudos sociais; Sociologia.** 2ª.ED. Rio de Janeiro. editora Rio. 1977.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

Gerhardt, Tatiana Engel, et al. **Métodos de pesquisa.** 120p. Curso de Graduação Tecnológica, Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Universidade Aberta do Brasil. UAB/UFRGS, Editora da UFRGR. Porto Alegre. 2009.

Costa, Luís César Amad, Mello, Leonel Itaussu A. **História Geral e a do Brasil: da Pré-história ao século XXI.** Volume Único. São Paulo. Ed. Scipione, 655p. 2008.

Primavesi. Ana. **A Convenção dos Ventos e Outros Contos Atuais do Mundo que Vivemos.** 2.ed. 168p. São Paulo.. Expressão Popular. 2016.

Huberman, Leo. **História da Riqueza do Homem.** Zahar editores. 1981. Disponível em <<http://files.g-baruck.webnode.com.br/200000011-0085d017f9/Leo%20Huberman%20-%20Historia%20da%20Riqueza%20Do%20Homem.pdf>> acesso em: 04 abril. 2019.

Seiffert, Mari Elizabete Bernardini. **Gestão Ambiental: Instrumentos, Esferas de Ação e Educação Ambiental.** 3.ed. São Paulo. Atlas, 2014.

Pinceli, Carlos Ricardo. **Lavoisier, Antoine Laurent** (1743-1794). Faculdade de engenharia Mecânica. UNICAMP. Disponível em <<http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>> acesso em: 4 abril.2018.

Baudrillard, Jean. **A sociedade de consumo**. Arte e Comunicação. Edições 70. Lisboa. 1995. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/613769/mod_resource/content/1/BAUDRILLARD_1995_A_sociedade_de_consumo.pdf> acesso em: 28 março 2018.

Obesidade e Desnutrição, NUT/FS/UnB – ATAN/DAB/SPS. Ministério da Saúde. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obesidade_desnutricao.pdf> Acesso em 22 maio. 2019.

Lucena, Mariana. **Entenda por que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo**. Revista Galileu. 2018. Disponível <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/entenda_por_que_o_brasil_e_o_maior_consumidor_de_agrotoxicos_do_mundo_galileu.pdf> acesso em 20 maio 2019.

Sachs, Ignacy. **Sociedade, Cultura e Meio Ambiente**. Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, França. Palestra. Revista Mundo & Vida vol.2 (1) 2000. Disponível em<<http://ambiental.adv.br/ufvjm/ea2012-1sachs.pdf>>, acesso em: 20 nov. 2018.

Layrargues, Philippe Pomier. **DO ECODESENVOLVIMENTO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: EVOLUÇÃO DE UM CONCEITO?** 1997. SciELO. Disponível em <<http://files.zeartur.webnode.com.br/200000038-e0ad2e2a19/LAYRARGUES%20Do%20ecodesenvolvimento%20ao%20desenv%20sustentavel.pdf>> acesso em: 5 de dez. 2018.

Tristão, Martha. **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A EMERGÊNCIA DE UMA CULTURA SUSTENTÁVEL NO CENÁRIO DA GLOBALIZAÇÃO**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.9, n.1, p. 207-222, Jan./Jul. 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2012v9n1p207>> Acesso em: 22 out. 2018.

Royzen, Rebeca. **DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS SUSTENTÁVEIS NO NICHOS DAS ECOVILAS NO BRASIL: O PAPEL DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DOS ELEMENTOS DAS PRÁTICAS**. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília. 2018.

Laraia, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª e.d., Rio de Janeiro/; Jorge Zabar Ed, 2001. pág 09-30.

Ramos, Cesar Augusto. **Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo**. Kriterion: Revista de Filosofia. vol.55 no.129 Belo Horizonte Jan./June 2014. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100004> acesso em: 28 maio 2019.

Santos, Marcos Ferreira. **CULTURA IMATERIAL E PROCESSOS SIMBÓLICOS**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo,14: 139-151, 2004. Disponível em < <http://www.nptbr.mae.usp.br/wp-content/uploads/2013/05/139-a-151-Marcos-Ferreira-Santos.pdf>> acesso em: dez. 2018.

Mance, Euclides. **A Revolução das Redes de Colaboração Solidária**, 15 de junho de 2005. Disponível em < http://www.solidarius.net/mance/biblioteca/A_Revolucao_das_Redes_de_Colaboracao_Solidaria.pdf > Acesso em, 31 de outubro de 2017.

Lins, Maria Luiza e Pires, Silva. **DÁDIVA, ECONOMIA SOCIAL E COOPERATIVISMO:A PROMULGAÇÃO DE UMA NOVA ÉTICA SOCIETÁRIA**. UniRcoop1 Vol. 1. 2003. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife.

Singer, Paul. **Economia Solidária entrevista com Paul Singer**. 2008. São Paulo, (Edusp/Fapesp, ESTUDOS AVANÇADOS 22 no(62), pág. 289-314. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020> acesso em: Abril. 2019.

Brasil, Nações Unidas. **Artigo 23: Direito ao trabalho**. 2018. Disponível em < <https://nacoesunidas.org/artigo-23-direito-ao-trabalho/> > acesso jun. 2019.

Cechin, Andrei e Veiga, José Eli da. **Economia do meio ambiente: teoria e prática**, O fundamento central da Economia Ecológica 2ª ed, RJ: Elsevier/Campus, 2009, p. 33-48 MAY, Peter. Disponível em<http://www.zeeli.pro.br/wp-content/uploads/2012/06/O-fundamento_central_Economia_Ecologica.pdf> acesso em jan. 2019.

Sproviero, Mario Bruno. **Entropia: "Progresso" para a Destruição!** Entrevista DLO-FFLCHUSP. Entrevista e edição: Jean Lauand, 10-7-2001. Disponível em < <http://www.hottopos.com/vdletras2/mario.htm>> acesso em jun. 2019.

Sabourin, Eric. **MARCEL MAUSS: DA DÁDIVA À QUESTÃO DA RECIPROCIDADE**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 23 nº. 66 fevereiro/2008.

ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL - 2005 - . Brasília: MTE, SENAES, 2006. 60 p.: il. Disponível em < http://base.socioeco.org/docs/sies_atlas_parte_1.pdf> acesso em: jun. 2019.

Memórias agroecológicas nº 1, **Agroecologia e Economia Popular Solidária**, UFVJM, Diamantina 2008. Disponível< http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/1441/1/memorias_agroecologicas_1.PDF> acesso em: março. 2019.

Gramacho, raíssa mesquita g. **Céu na Terra: Construindo Cenários Sustentáveis no Assentamento Oziel Alves iii**. Universidade de Brasília Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Trabalho Final de Graduação. Brasília. 2018.

Stump, Marcela. **Macramê: a arte dos nós**. 2018. Disponível em < <https://blog.elo7.com.br/manual-de-tecnicas-artesanais/macrame-arte-dos-nos.html>> acesso em: abril.2018

LOPES, LUÍSE. **TUA SAÚDE**. 2018. Disponível em < <https://www.tuasaude.com/mulungu/>> acesso em: maio 2018.

Memória e Invenção, Brasília. Santuário dos Pajés. Reserva Santxie. 2018. Disponível em < <http://brasilia.memoriaeinvencao.com/santuاريو-dos-pajes-reserva-santxie/>> acesso em: jun 2019.

Mcmilan, John. **A Reinvenção do Bazar, uma história de mercados**, Rio de janeiro, Jorge Zahar ED., 2004. pág, 11 a 20. Disponível em < <https://books.google.com.br/books?id=iI4GFgkmzCsC&pg=PA45&dq=bazar&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwil2dGp6vriAhVEJ7kGHWjbBwsQ6AEIKTAA#v=onepage&q=bazar&f=false>>

Gonçalves, Felipe Canova e Ramos, Thaisa da Silva. **PROTAGONISMO DAS MULHERES RURAIS DO ACAMPAMENTO ROSELI NUNES: AGROECOLOGIA E QUINTAIS PRODUTIVOS**. Anais do IX seminário de extensão universitária da região centro oeste. 2017. acesso em < <http://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/PROTAGONISMO%20DAS%20MULHERES%20RURAIS%20DO%20ACAMPAMENTO%20ROSELI%20NUNES%20AGROECOLOGIA%20E%20QUINTAIS%20PRODUTIVOS.pdf>> acesso em 19 jun.2019.

CSA BRASIL. 2015. Disponível em < <http://www.csabrasil.org/csa/>> acesso em: jun. 2019

APÊNDICE I.



Universidade de Brasília

Faculdade Unb Planaltina

1º/2018

Questionário sobre O Perfil dos Freqüentadores da Feira SolEco.

Sexo: () F () M

Idade: () 01- 09 anos () 10 - 19 anos () 20 - 29 anos () 30- 39 anos () 40 – 49 anos () 50 – 59 anos () 60 ou Mais.

Profissão: _____

Freqüência: () Primeira vez () Já vim em feiras anteriores () Freqüente sempre às feiras.

O que me faz participar da Feira Soleco? Marque quantas alternativas quiser.

- () Os assuntos abordados como temática, oficinas e rodas de conversa.
- () As apresentações artísticas.
- () O acesso a alimentos sem agrotóxico e com produção consorciada a natureza.
- () Os diferentes tipos de artesanatos e cosméticos naturais.
- () O ambiente da feira (paisagem, som, pessoas, bem estar)
- () A realização da compra direta com o produtor e artesão.
- () Incentivar a Agricultura Familiar
- () O princípio Sustentável que a feira possui.

Você tem algum vínculo com a Fup?

() Não Sim, sou: () Estudante () Professor () Técnicos () Terceirizados

Você já realizou alguma compra durante a Feira?

() Não () Sim () Já realizei trocas Quais ? _____

Você acredita que a sustentabilidade é exercida através de hábitos culturais em uma sociedade?

() Sim () Não

Você costuma realizar o consumo consciente, evitando embalagens, desperdícios, preferindo produtos que não degradem o meio ambiente e ajudando pessoas que estão a sua volta?

() Sim, com freqüência () Às vezes, quando me interesso () Raramente () Nunca.

Você descarta seus resíduos corretamente? () Sim () Não

Obrigada pela colaboração!